

PÁGINA 22

INFORMAÇÃO PARA O NOVO SÉCULO



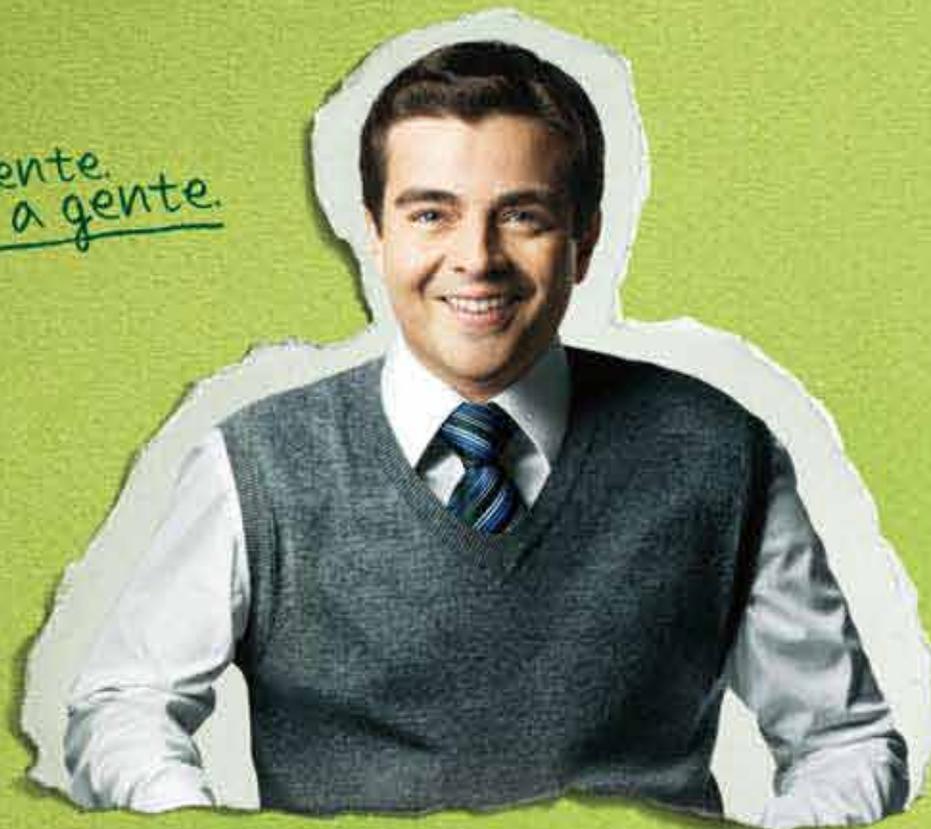
NÚMERO 23
SETEMBRO 2008
R\$ 15,00



De onde veio, para onde vai?

Por que o socioambientalismo precisa se reinventar

*Reinvente.
Vem com a gente.*



Ricardo Luis Pereira Paz,
gerente do Banco Real.

O Banco da minha vida.

Um banco que age sustentavelmente

Um banco que orienta seus clientes para o consumo consciente

Um banco que faz negócios onde todo mundo ganha



Heloisa de Barros Santoro
Heloisa Aranha de Barros Santoro,
Cliente Real.



ajuda a construir um mundo melhor para minha família.

me ensina a lidar melhor com meu dinheiro.

tem a ver com meus valores.

PÁGINA 22, dois anos

Há menos de meia década, **RELATORIO**o socioambientalismo ainda lutava para se fazer ouvir e influenciar práticas produtivas e políticas públicas, no tempo em que sustentabilidade era uma palavra pouco usual e menos ainda entendida. Hoje não há empreendimento lançado sem considerá-la, ainda que o objetivo seja resguardar-se de pressões de uma sociedade civil cada vez mais consciente da crise de proporção planetária, evidenciada pelo aquecimento global.

Mas, em escala também meteórica, passou a palavra desgastada sem dó, apropriada por discursos menos comprometidos e até pelos bem-intencionados, em profusão de mensagens que mais desorienta do que dá a senha de como agir em uma nova era. Quem lá atrás fundou o movimento pela causa questiona se o sonho foi capturado e reprogramado para se adequar aos interesses vigentes, ou é capaz de provocar real e gradual transformação na sociedade.

E também se pergunta como agora lidar com o filho que cresceu, saiu de casa e parece dono do próprio destino. A sustentabilidade criou asas, mas tem berço. Manter o fio com a própria origem é garantir que a identidade seja preservada, e o futuro, nunca desencaaminhado. Nessa época de revisões, o socioambientalismo não precisa se pintar do verde escuro pessimista que desmobiliza as pessoas, nem se curvar ao verde claro do *greenwashing*. O verde vivo é o tom de um movimento capaz de se rejuvenescer, com idéias arejadas e tecnologia, como propõe o entrevistado nesta edição.

Exatamente dois anos atrás, nascia PÁGINA 22, resultado de um projeto lançado já em 2005, quando sustentabilidade era aquela palavra pouco usual, mas que a revista abraçou como causa. Mais que um produto editorial, é um projeto que mostra a que veio: contribuir com o bom jornalismo para um ideal que transcende os círculos de origem, porque deve se disseminar para todos. E nada como um veículo de comunicação para formar esses elos e provocar as inovações de pensamento e práticas necessárias para que tudo continue vivo.

Boa leitura

PÁGINA 22

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
DIRETORA Maria Tereza Leme Fleury

COORDENADOR Mario Monzoni
COORDENADORA-ADJUNTA Rachel Biderman

EDITORAS FUNDADORAS Amália Safatle e Flavia Pardini
REPÓRTER Carolina Derivi
EDIÇÃO DE ARTE
Marco Cançado, Dora Dias (Banana Biônica Design)
EDITOR DE FOTOGRAFIA Bruno Bernardi
ILUSTRAÇÃO Janaina Tokitaka
REVISÃO José Genulino Moura Ribeiro
COORDENADORA DE PRODUÇÃO Bel Brunharo
RELAÇÕES PÚBLICAS Jaqueline Santiago
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO Ana Cristina D'Angelo,
Daniela Gomes Pinto, Maristela Bernardo,
Ricardo Barretto, Romulo Pinheiro
ENSAIO FOTOGRÁFICO Ignacio Aronovich
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Amália Safatle (MTb 22.790)
MARKETING E PUBLICIDADE
SÃO PAULO: Bernardo Leschziner (11) 8926-1415
e Monica Carboni (11) 8104-1632
RIO: Ricardo Luttigardes (21) 2204-2311
BRASÍLIA: Charles Marar Filho (61) 3321-0305
MINAS GERAIS: Alvaro Rocha e Rosina Bernardes (31) 3261-3854
SUL: Leoni Zaveruska (51) 3245-1807
NORTE/NE: Luciano Moura (81) 3466-1308
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Alameda Itu, 513 - CEP 01421-000 - São Paulo - SP
(11) 3284-0754 / redacao@pagina22.com.br

ASSINATURAS E REPARTES CORPORATIVOS
 (11) 3284-0754 - www.pagina22.com.br
assinaturas@pagina22.com.br

IMPRESSÃO Posigraf
DISTRIBUIÇÃO Door to Door Logística e Distribuição
DISTRIBUIÇÃO BANCAS Fernando Chinaglia
CIRCULAÇÃO LM&X
CENTRAL DE ATENDIMENTO AO JORNALISTA
(11) 3865-3832
NÚMEROS AVULSOS
(11) 3284-0754 ou assinaturas@pagina22.com.br
CONSELHO EDITORIAL
Aron Belinky, Gladis Ribeiro, José Carlos Barbieri, José Eli da Veiga, Mario Monzoni, Pedro Roberto Jacobi, Ricardo Guimarães, Roberto Waack, Tarcila Reis Ursini
CONSELHO CONSULTIVO GVCS
Fabio Feldmann, Heloisa Bedicks, Luiz Maia, Paulo Vanca, Ricardo Young, Sergio Esteves, Tamas Makray

Os artigos, ensaios, análises e reportagens assinadas expressam a opinião de seus autores, não representando, necessariamente, o ponto de vista das organizações parceiras e do GVCS. É necessária a autorização dos editores, por escrito, para reprodução do todo ou parte do conteúdo desta publicação.
TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 10.000 exemplares

FSC
A REVISTA PÁGINA 22 FOI IMPRESSA EM PAPEL CERTIFICADO, PROVENIENTE DE REFLORESTAMENTOS CERTIFICADOS PELO FSC DE ACORDO COM RIGOROSOS PADRÕES SOCIAIS E AMBIENTAIS

CAPA: KAADAA / GETTY IMAGES



32

- 06 Notas
- 32 Retrato
- 38 Perfil
- 50 Coluna
- 52 Crônica
- 58 Resenha
- 60 Entrevista
- 64 Análise
- 66 Última



12

12 Entrevista
Nem o escuro pessimista nem o *light* do *greenwashing*. Alex Steffen, do site WorldChanging, defende outro tom para o ativismo verde, ligado a inovação, tecnologia e redefinição de prosperidade



18

18 Socioambientalismo
Agora que a causa ficou grande demais para caber em seu círculo original, novas práticas e visões se fazem necessárias



42

26 Reflexão
O aquecimento global e a afluência material desafiam o ambientalismo nos Estados Unidos do século XXI

42 Comportamento
Do alarmismo pelas mudanças climáticas ao excesso de informações fragmentadas, uma investigação psicológica ajuda a compreender a crise individual do ambientalismo

[ENERGIA I]

A onda da Terra

A próxima onda na busca por energias renováveis pode vir de dentro da Terra – a energia geotérmica. O Google.org – braço filantrópico do Google – anunciou em agosto investimentos de US\$ 10,25 milhões para desenvolver a tecnologia Enhanced Geothermal System (EGS), também conhecida como *Hot Dry Rock*.

O objetivo é ambicioso: colher o calor das profundezas da Terra – pelo menos 10 quilômetros abaixo da superfície – e transformá-lo em eletricidade. Ao contrário dos sistemas geotérmicos tradicionais, que dependem da descoberta de bolsões naturais de calor e água quente próximos da superfície, o EGS perfura a grandes profundidades, fratura as rochas artificialmente e bombeia água para trazer o calor para cima. A vantagem é a produção de energia em escala, continuamente e com poucos efeitos para a atmosfera – após a perfuração, tais sistemas praticamente não emitem gases de efeito estufa. Existem efeitos colaterais de bombear água no subsolo – por exemplo, a ocorrência de terremotos.

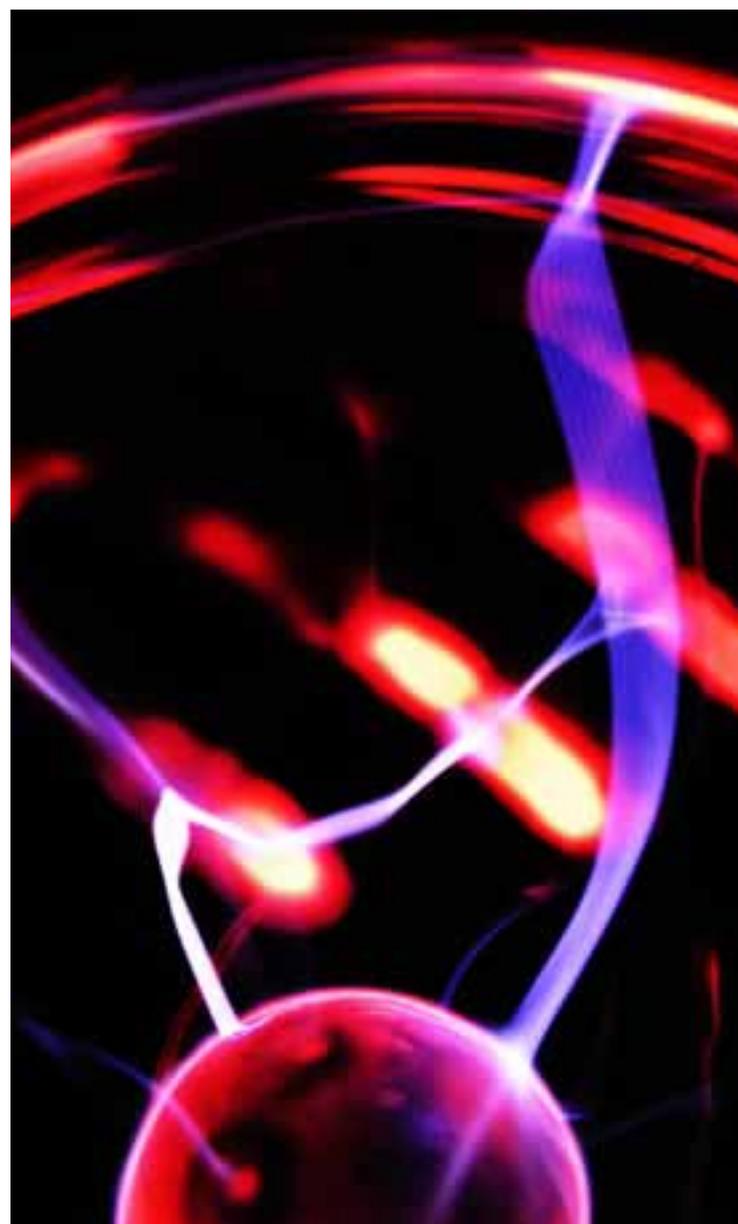
Os milhões destinados pelo Google vão para duas empresas americanas que desenvolvem tecnologias de perfuração e fratura das rochas e para um centro de pesquisa que trabalha em mapear o potencial geotérmico dos EUA. Grande usuário de energia em *data centers*, o Google já anunciou investimentos de quase US\$ 31 milhões para o programa *Develop Renewable Energy Cheaper Than Coal*. – por Flavia Pardini

[ENERGIA II]

Paraíso geotérmico

O investimento da Google está concentrado no potencial geotérmico dos EUA, mas é do outro lado do mundo, na Austrália, que se encontram algumas das melhores condições para usar a energia da Terra. Segundo a Geoscience Australia, entidade governamental de pesquisa geológica, apenas 1% da energia que pode ser extraída das *hot rocks* do continente seria equivalente a 26.000 vezes o consumo anual de energia do país.

Com rochas formadas há mais de 500 milhões de anos e temperaturas até duas vezes mais altas do que em formações semelhantes em outras regiões do mundo, a Austrália é considerada o paraíso geotérmico. Especialmente o estado de South Australia, que abriga boa parte da Cooper Basin, uma



bacia sedimentária, e onde mais de uma dúzia de empresas solicitaram permissão para explorar o potencial geotérmico, com investimentos esperados de mais 500 milhões de dólares australianos. Para atrair mais investimentos, o governo do primeiro-ministro Kevin Rudd anunciou em agosto 50 milhões de dólares australianos para ajudar as empresas já estabelecidas a perfurar e provar seu potencial de produção.

Mas o maior empecilho ao desenvolvimento da energia geotérmica talvez só seja superado com outro plano do governo, o esquema de negociação de emissões de carbono, previsto para entrar em vigor em 2010 e que deverá tornar o uso de outra bênção natural da Austrália – o carvão – mais caro. (FP)

[ENERGIA III]

Aqui e agora

Nem só de sistemas melhorados – caros e complexos – como o EGS vive a energia geotérmica. Há mais de um século fazendeiros na Islândia perceberam a possibilidade de aquecer suas casas com a água quente que aflorava do subsolo e, hoje, 87% dos edifícios do país usam a energia geotérmica para aquecimento. Sentado sobre uma região vulcânica, o país aproveita o calor diretamente, sem transformá-lo em eletricidade – processo cuja eficiência é de apenas 10%.

Também na Austrália, há planos para usar a energia disponível aqui e agora. O estado de Western Australia (WA) anunciou este ano recursos de 2,3 milhões de dólares australianos para pesquisas sobre o potencial geotérmico da região e tecnologias para seu uso direto. A idéia é empregar a energia para aquecer e resfriar ambientes e para movimentar uma usina de dessalinização da água. Desde 2007, 17% do abastecimento de água de Perth, capital do estado com 1,8 milhão de habitantes, vem da dessalinização da água do mar. A usina é movida a energia eólica e a construção de uma segunda usina está em planejamento. (FP)



[BIODIVERSIDADE]

Um esforço a mais

Apesar da insatisfação de alguns setores produtivos quanto aos encargos ambientais, especialistas em conservação estão convencidos de que é possível fazer mais e melhor, além do que a legislação ambiental determina.

O Business and Biodiversity Offsets Program (Bbop), um projeto das organizações Forest Trends, Wildlife Conservation Society e Conservation International, oferece uma metodologia de compensação das perdas de biodiversidade para grandes empreendimentos como agronegócio, mineração e infra-estrutura.

São medidas como instalação de corredores ecológicos entre áreas protegidas, eliminação de espécies invasoras e apoio a alternativas sustentáveis de geração de renda nas comunidades locais. Para o Bbop, a compensação, ou “offset,” só entra em cena depois que todos os esforços para mitigar os impactos já foram aplicados, e ainda há passivos a resolver.

“O licenciamento ambiental no Brasil já obriga a mitigação de impactos. Mas a compensação representa um valor pecuniário que vai para o sistema de áreas protegidas. O Bbop entra, então, como uma forma de aplicar esse investimento diretamente no local”, pondera Pedro Leitão, secretário geral do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio), entidade que está empenhada em adaptar o programa à realidade brasileira.

Para Leitão, o licenciamento ambiental ainda é muito focado no período pré-instalação e operação. “Mas, depois que o empreendimento está operando, pode eventualmente causar outros danos para o meio ambiente. E os setores carecem de ferramentas para medir e precificar seus impactos”, diz. – por Carolina Derivi

[ALIMENTOS]

A crise por trás da crise

Enquanto os produtores de alimentos aparentemente disputam terra a tapas com os agricultores que se dedicam a safras para biocombustíveis, cerca de 50% da comida saída dos campos não chega ao garfo, levando consigo quantidades consideráveis de água. A estimativa consta de um estudo do Stockholm International Water Institute e outras três entidades suecas, divulgado em agosto durante a Semana Mundial da Água, em Estocolmo.

O estudo mapeia a cadeia dos alimentos, da produção, passando pelo processamento e distribuição, comercialização e consumo – e em cada etapa identifica o potencial de desperdício de água em consequência da perda de alimentos. Em primeiro lugar, destaca o documento, “a quantidade de alimentos produzida nos campos é mais do que a necessária para que a população global leve uma vida saudável, produtiva e ativa”. Enquanto o mundo produz mais comida do que precisa – e alguns passam fome e outros comem demais –, cerca de 1,2 bilhão de pessoas vivem em áreas onde não há água suficiente, situação que deve piorar com o aquecimento global.



“Um problema oculto é que os agricultores têm de oferecer comida para satisfazer tanto nossas necessidades de consumo como nossos hábitos desperdiçadores”, diz o estudo. Só nos EUA, mais de 25% da comida preparada nas residências e restaurantes acaba no lixo, segundo a Environmental Protection Agency. Com taxa de compostagem de apenas 3%, o grosso segue para os aterros, onde ajuda a gerar metano, alimentando as mudanças climáticas. Reduzir as perdas e o desperdício ao longo da cadeia, lembra o estudo sueco, é uma boa forma de liberar mais água e terra para outros usos. (FP)

AMBIENTE GLOBAL
Escola de Sustentabilidade

Veja a programação de cursos da Ambiente Global - Escola de Sustentabilidade para 2008 e 2009

FAÇA SUA INSCRIÇÃO !!
acesse o site: www.ambienteglobal.com.br ou
Ligue: (11) 5082-3694

Outubro
14 de outubro - Curso de Formação de Inspectores Socioambientais para Novos Empreendimentos
21 de outubro - Workshop - Gestão Sustentável em Negócios, Clientes e Colaboradores

Novembro
07 de novembro - Seminário & Curso - Comunicação Ambiental e a Norma ISO 14003 - Manaus/AM
22 de novembro - Seminário & Curso - Comunicação Ambiental e a Norma ISO 14003 - Curitiba/PR
29 de novembro - Curso de Comunicação de Riscos - São Paulo/SP

Dezembro
02 de dezembro - Seminário & Curso - Comunicação Ambiental e a Norma ISO 14003 - Curitiba/MT

Calendarário 2009

Exercício
24 de fevereiro - Seminário & Curso - Comunicação Ambiental e a Norma ISO 14003 - Vitória/ES

Março
12 e 13 de março - Congresso Mineiro de Comunicação Ambiental
14 de março - Curso - Comunicação Ambiental e a Norma ISO 14003 - Belo Horizonte/MG

Abril
14 de abril - Curso de Formação de Inspectores Socioambientais para Novos Empreendimentos - São Paulo/SP

Mai
12 de maio - Seminário & Curso - Comunicação Ambiental e a Norma ISO 14003 - Recife/PE

AMBIENTE GLOBAL - DESDE 1997 COMUNICANDO SUSTENTABILIDADE

Novos negócios

Encerra-se em 30 de setembro o prazo para envio de planos de negócios ao Programa New Ventures, realizado há cinco anos pelo Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV, em parceria com o World Resources Institute. Criado para estimular empreendimentos sustentáveis, o programa permite a aproximação dos empresários com investidores interessados em projetos rentáveis, que adotam critérios de responsabilidade ambiental e social. Podem ser inscritas propostas em áreas como agricultura sustentável e produtos orgânicos, produtos florestais certificados, piscicultura sustentável, ecoturismo, energias renováveis, eficiência energética, reciclagem, produção limpa e outros temas relacionados ao uso racional de recursos naturais. A divulgação dos selecionados será feita em 3 de outubro. Mais informações: www.new-ventures.org.br.

[**Errata**] A reportagem “Donos por tradição” foi publicada na edição número 22 sem os créditos de três fotografias. São eles: National Geographic/Getty Images (foto nas páginas 40 e 41), Australian School (página 42) e Gavin Hellier (página 45). E na reportagem “Eldorado redivivo”, da mesma edição, o crédito correto da foto à página 36 é AFP/Getty Images.

A CADA PROJETO,
UM OLHAR SINGULAR PARA
A SUSTENTABILIDADE.



Atuando desde 2002 com questões relativas a Planejamento Estratégico Multi-Stakeholder, a APEL percebeu que precisava se posicionar. Começamos a nos questionar não sobre o papel de uma empresa de consultoria, mas sobre seu sentido para a sociedade. Não tardou para concluirmos que existimos para que as organizações empresariais se tornem melhores, se perpetuem. E não há empresa perene em uma sociedade decadente: os custos globais se elevam e a base de consumo reduz. Isso não é sustentável. Igualmente não há empresa perene em um contexto de meio-ambiente em desequilíbrio: os custos globais se elevam e as matérias-primas se tornam escassas. Essas razões foram mais do que suficientes para nos recriarmos nesses últimos 6 anos. Passamos a incorporar a sustentabilidade como nosso sentido de existência e investimos muito no aprendizado, na mudança de nossos modelos mentais e, principalmente, em como tornar esse processo de mais fácil compreensão pelas corporações. Estamos dispostos a trocar nossas experiências com sua empresa para que, juntos, possamos construir estratégias, estruturas e modelos de negócio que busquem o máximo da eficiência econômica, social e ambiental.



[CONSUMO]

Papo-cabeça

Com o apelo cada vez maior do "consumo consciente", o ato de comprar vem deixando de ser apenas forma de reprodução das estruturas sociais reinantes e busca por *status*, para se tornar um instrumento de ação política, que incorpora valores como solidariedade e responsabilidade socioambiental.

A partir dessa concepção, o Grupo de Pesquisas Sociedade e Culturas de Consumo realiza o IV Encontro Nacional de Estudos do Consumo (Enec), no Rio de Janeiro, entre 24 e 26 de setembro, que terá como tema "Novos Rumos da Sociedade de Consumo?". O evento é realizado anualmente desde 2004, quando era chamado de Encontro Nacional de Antropologia do Consumo.

Hoje, reconhecendo o aspecto interdisciplinar do tema, O Enec conta com a presença de palestrantes de diversas áreas como marketing, sociologia e comunicação.

Na programação incluem-se palestras e debates sobre consumo consciente, *design* sustentável, mídia e *fan culture*, entre outros. A iniciativa conta com o apoio da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Federal Fluminense e da Escola Superior de Propaganda e Marketing.

As inscrições custam R\$60 para estudantes de graduação e pós-graduação e R\$120 para profissionais. Mais informações: enec2008@gmail.com **(CD)**

[PUBLICAÇÕES]

Natureza social

As questões sociais vão chegar às páginas de uma das mais conceituadas revistas científicas por meio das mudanças climáticas. A *Nature*, a venerável publicação dedicada às ciências físicas e à medicina, vai lançar em outubro de 2009 uma revista dedicada exclusivamente às mudanças climáticas, a *Nature Climate Change*. "Pela primeira vez em uma revista com a marca *Nature*, a *Nature Climate Change* vai tratar da pesquisa socioeconômica, assim como das ciências naturais, com o objetivo de levar a pesquisa que publica a um contexto científico, econômico e político mais amplo", anunciou em agosto o Nature Publishing Group. Há cinco anos, a *Nature* vem diversificando seus títulos com revistas especializadas – sempre dedicadas às ciências físicas –, como a *Nature Geoscience*, lançada em janeiro de 2008. O aquecimento global já é tema de um website com conteúdo livre, o *Nature Reports Climate Change*. **(FP)**

[CERRADO]

O primo pobre, um pouco mais rico

Acaba de ser lançada a mais completa obra da produção científica brasileira sobre o Cerrado. O livro *Cerrado: Fauna e Flora*, reúne artigos de quase 50 cientistas de diversas instituições de pesquisa, agrupados em temas como água, biodiversidade e clima. A publicação é editada pela Embrapa Informação tecnológica, com apoio financeiro da ONG The Nature Conservancy (TNC).

O pesquisador da Embrapa Cerrados e organizador do livro, José Felipe Ribeiro, refere-se ao bioma como "o primo pobre da Amazônia, que têm muito em comum

com o primo rico, mas é desconsiderado". Um dos pontos em comum é a grande riqueza genética. Com 12 mil espécies vegetais catalogadas, estima-se que o Cerrado encerre um terço de toda a biodiversidade brasileira, mas padece com o avanço da fronteira agrícola e o desconhecimento de seu valor ecológico e econômico.

Rico em espécies frutíferas, como pequi, murici e araticum, o Cerrado tem condições para o desenvolvimento do manejo comercial dessas espécies. "São frutíferas que você maneja na área natural.

Então a reserva legal, que hoje em dia é vista como um problema para os produtores, poderia se transformar num excelente complemento econômico", aposta Ribeiro.

Essas e outras idéias estão detalhadas na publicação, que tem o mérito de focar as soluções para conservação. Especialmente depois de o chefe de gabinete da Presidência da República, Gilberto Carvalho, afirmar que a soja é preferível a um "cerradinho", é certo que o bioma vai precisar de todas as soluções que puder dispor. **(CD)**



DIRETOR DE ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DA FGV

A Fundação Getúlio Vargas está selecionando candidatos para o cargo de Diretor da sua Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, sediada no Rio de Janeiro. Com mais de 56 anos de atividade, a EBAPE mantém cursos de graduação, mestrado e doutorado, além de reunir acadêmicos de reputação nacional e internacional, bem como corpo discente de alto nível.

Os candidatos devem demonstrar capacidade de liderança, formação acadêmica em nível de doutorado e ter exercido funções de direção em instituições públicas ou privadas. Experiência em ensino e liderança em pesquisas multidisciplinares são atributos necessários.

Enviar carta de intenção, referências e *curriculum vitae* para
"Comitê de Seleção" - Presidência da FGV,
Praia de Botafogo, 190 - 12º andar, até 15 de outubro de 2008.
Todas as informações terão tratamento pessoal e confidencial.



POR Flavia Pardini

Verde vivo

Os remédios amargos do ambientalismo tradicional para evitar impactos ao mundo natural podem ter o efeito contrário e desmobilizar as pessoas. Não o americano Alex Steffen. Editor-executivo do WorldChanging, considerado um dos sites mais populares da web, ele cunhou a expressão *bright green environmentalism*, que distingue uma nova geração de ativistas. Longe das mensagens pessimistas e da versão verde *light*, associada ao *greenwashing*, Steffen defende um novo tom para o verde, ligado à inovação, à tecnologia e à redefinição do que é prosperidade

WORLDCHANGING - DIVULGAÇÃO



O que é *bright green environmentalism*? Como difere do ambientalismo tradicional? É uma escola de pensamento que emergiu nos últimos anos e que parte da premissa de que os problemas ambientais que enfrentamos são extremamente sérios, mas questiona se as abordagens que empregamos para tentar solucionar esses problemas são adequadas. Uma das principais diferenças é que a abordagem do ambientalismo tradicional em geral é a de renunciar a aspectos do nosso modo de vida que atualmente são danosos do ponto de vista ambiental, e pedir que as pessoas vivam vidas mais simples, modestas, de certa maneira, uma vida mais pobre. Em contraste, o *bright green environmentalism* parte do princípio de que as pessoas querem um certo nível de prosperidade e que isso, assim como qualidade de vida, é fundamental para o bem-estar humano. Então, a pergunta acaba sendo: como obter prosperidade e qualidade de vida sem destruir o mundo natural? Isso transforma a questão ambiental de uma pergunta fundamentalmente ética em um problema fundamental de *design*. O que o *bright green environmentalism* se propõe a fazer é redesenhar os sistemas que nos dão prosperidade para que nos dêem mais prosperidade com menos impacto. Por estarmos em meio a uma grande onda de inovação e criatividade em termos de tecnologia, *design*, comércio e planejamento urbano, sabemos que podemos fazer isso, podemos criar uma forma de vida na qual todos os habitantes do planeta podem participar e, ao mesmo tempo, respeitar os ecossistemas naturais.

Leva em conta as disparidades não só entre países, mas dentro dos países? Sua descrição parece factível para uma nação como os EUA, mas não para o Brasil ou países mais pobres. Não é preciso fechar essa lacuna antes de falar em prosperidade para todos? Tudo é parte do mesmo problema. Temos de redefinir o que é prosperidade, reinventar os sistemas que a tornam possível e mudar as formas como interagimos em escala planetária, para que possamos convergir para esse tipo de prosperidade. Os desafios são diferentes para diferentes pessoas em diferentes partes do mundo. Há centenas de milhares de pessoas que vivem vidas sustentáveis porque estão morrendo de fome. Não é esse o tipo de prosperidade que queremos e, para estas pessoas, a questão é como ter certeza de que há provisões adequadas de alimento, moradia, educação, oportunidades econômicas, direitos políticos e humanos. Mas isso é parte do mesmo desafio que temos aqui nos EUA, que é fundamentalmente alterar os sistemas com os quais estamos engajados em termos de oferta de energia, do tipo de produtos que usamos e da quantidade de consumo que praticamos. Trata-se de desafios diferentes e específicos, mas estão relacionados de maneira fundamental em todos os aspectos.

Mas os desafios do mundo em desenvolvimento fazem parte das preocupações do *bright green environmentalism*? Acreditamos totalmente que isso é parte fundamental do desafio que enfrentamos. Um dos principais aspectos da desigualdade mundial é que as pessoas que vivem no mundo desenvolvido, especialmente os americanos, têm um impacto altamente desproporcional nos sistemas globais dos quais todos nós dependemos. Os americanos são responsáveis por quase um terço de todas as emissões de gases de efeito estufa, embora sejamos apenas 4,5% da população mundial. Os impactos das mudanças climáticas, só para dar um exemplo, recaem

desproporcionalmente sobre as pessoas do mundo em desenvolvimento, em especial na África. Uma das principais coisas que os EUA podem fazer é se tornar uma nação neutra do ponto de vista de carbono, e trabalhar com pessoas de todo o mundo para desenvolver fontes limpas de energia, máquinas eficientes, sistemas de transporte eficientes, e assim por diante. Uma das principais maneiras pelas quais nós interagimos com o resto do mundo é mudando o clima e, portanto, uma das principais tarefas – acho que no momento é a principal tarefa – é reformar os meios de garantir prosperidade às pessoas mais ricas.

E assim produzir efeitos a ser compartilhados com as outras pessoas? Absolutamente. As escolhas que um consumidor, uma empresa ou os governos nos EUA e na Europa fazem em relação a seus impactos ambientais, suas relações de comércio etc. determinam as oportunidades que as pessoas, especialmente em países muito pobres, têm. Por isso nos parece que uma das principais tarefas – e a primeira do *bright green environmentalism* – é transformar as



Milhares de pessoas vivem vidas sustentáveis porque morrem de fome. Não é a sustentabilidade que queremos



nações ricas em países de baixo impacto ambiental, de maneira que outros países tenham a liberdade de inventar suas próprias soluções. A outra face disso é... para o Brasil se tornar próspero e sustentável, precisa reinventar vários de seus sistemas atuais. Embora esteja em melhor posição do que muitos países para encarar essa reinvenção, o Brasil ainda tem uma fração pequena do número de cientistas, engenheiros, pesquisadores, universidades, orçamentos de pesquisa e desenvolvimento do que um país como os EUA. Uma das razões pelas quais queremos que países como os EUA e os europeus liderem o caminho em direção a uma sociedade *bright green* é que precisamos de capacidade de pesquisa e desenvolvimento. Se pudermos transformar o sistema de transporte americano, mudar a forma com que os veículos são produzidos, e inventar modelos que usem a tecnologia da informação para reduzir a necessidade de viajar etc., os beneficiários dessa transformação, caso tornemos o sistema global mais igualitário, serão todos. As pessoas no Brasil, ao experimentar seus próprios esforços para transformar seus sistemas de transporte, terão o benefício de toda essa inovação e poderão adicionar seus próprios *insights* para que também aprendamos e continuemos a nossa transformação.

Mudar sistemas implica um novo contrato social, um novo contrato global? Eu não sei. Claro que tenho muitas idéias e ideais, que adoraria ver acontecerem em escala global, mas, sendo realista, acho que o que mais precisamos é que os nossos contratos existentes sejam honrados. Já temos acordos globais sobre várias coisas, certo? Já temos entendimentos globais éticos sobre a natureza de vários desses problemas, mas não vivemos à altura dos nossos próprios ideais. Tenho de dizer que o meu país é um dos principais culpados disso. Sabemos que há, por exemplo, padrões internacionais sobre participação em esquema de corrupção em governos, mas não aplicamos tais padrões a nós mesmos, que dirá em relação ao comportamento de nossas corporações em outros países. Embora adore conversar sobre como podemos mudar tudo, eu não sei se precisamos mudar tudo para que sejamos bem-sucedidos. Acho que temos de honrar os princípios existentes. E temos de ter sistemas de comércio baseados não nos interesses das partes mais poderosas, mas, sim, em princípios e naquilo que é bom para todo mundo. Temos de ter um entendimento sobre a mudança climática que seja realista, mas também leve em conta o carbono histórico. O problema que enfrentamos hoje em termos de mudança climática é responsabilidade das pessoas mais ricas. Nós criamos o problema. Talvez precisemos de algumas novas idéias globais, e eu adoro falar sobre isso, mas ficaria feliz em aceitar que as nossas idéias existentes fossem honradas.

Como enxerga o colapso das negociações na Organização Mundial do Comércio? Há quem preveja a escalada do protecionismo e a volta a economias localizadas. Outros celebram o fato de que consumir localmente gera menos impacto ambiental. Minha visão pessoal é a de que, em geral, a livre troca de bens e serviços ajuda as pessoas, desde que se mantenham iguais todas as outras variáveis. O problema é que não se mantêm iguais todas as outras variáveis, certo? Vivemos em um mundo que não corresponde perfeitamente a um modelo econômico, em parte por razões políticas. Muitas pessoas fazem críticas inteligentes ao sistema global de comércio e às formas com que ele afeta diferentes pessoas e partes do mundo. Eu, particularmente, acho que ele foi estabelecido sobre um conjunto de premissas características do século XX sobre a disponibilidade

de recursos, o custo da energia, os níveis aceitáveis de poluição para manter uma economia globalizada. Mesmo que não seja possível concordar sobre os impactos políticos do tipo de negociação comercial que tivemos até agora, as pessoas inteligentes deveriam ser capazes de concordar que vai ser cada vez mais difícil ter um sistema massivamente globalizado de comércio para as *commodities* básicas, minérios, produtos agrícolas. Os custos de manter tal sistema provavelmente estão começando a ultrapassar seus benefícios. Então, acho que vamos começar a ver as coisas feitas na escala apropriada. Por exemplo, a maior parte do cultivo de alimentos provavelmente faz mais sentido se feita localmente. Outras coisas podem ser completamente livres e abertas: idéias, propriedade intelectual, coisas intangíveis para as quais queremos mais comunicação e mais compartilhamento. Neste momento vivemos em um mundo em que existem várias barreiras culturais, muitas paredes separam as pessoas quanto às idéias, à informação e à tecnologia a que elas têm acesso, mas os bens e mercadorias fluem livremente da China para o Brasil, para os EUA, para a África do Sul, ou para onde quer que seja. Eu acho que, em um mundo sustentável, vamos ver essas coisas mudarem de lugar e se tornar mais raro que os bens físicos sejam transportados a longas distâncias, especialmente as *commodities*, e mais comum que idéias e inovações sejam compartilhadas entre países.



Será difícil manter o comércio global de *commodities*, mas cada vez mais comum compartilhar idéias e inovação



No ensaio “A morte do ambientalismo” e no livro *Breakthrough, da Morte do Ambientalismo à Política do Possível*, Michael Shellenberger e Ted Nordhaus defendem que o ambientalismo morra para dar lugar a outra coisa, se quisermos combater as mudanças climáticas. Qual a sua opinião? Eu discordo. Eles argumentam que o ambientalismo tornou-se separado do resto do mundo e que precisa levar em conta idéias do setor empresarial, dos trabalhadores, do mundo político. Eu acho que isso está totalmente errado e o que precisa acontecer é o oposto: as pessoas que estão nas empresas, nas organizações sindicais e no governo precisam compreender que o meio ambiente supera qualquer outra consideração que eles possam ter, que o respeito ao meio ambiente é um limite absoluto. Podemos falar de mil maneiras mais eficientes de obter as coisas que queremos na vida dentro desse limite, mas o conjunto de limites representado pelo pensamento ambiental é baseado na ciência e na realidade. Ele determina o que é realmente possível fazer a longo prazo. A curto prazo, você sempre pode vencer, ou trapacear, a natureza, mas a natureza sempre vence no final. Acho que estamos iniciando uma era que não é a da morte do ambientalismo, mas a da vitória do ambientalismo, uma era em que todos sabem que é preciso proteger o meio ambiente. Uma boa analogia é a escravidão: houve um tempo em que tínhamos um nome para quem não considerava que a escravidão era algo correto. Eram os abolicionistas, uma minoria que defendia outra maneira de fazer as coisas e que muitas pessoas em posição de autoridade achavam loucura. Hoje não temos um nome para quem acredita que a escravidão é algo errado, porque todos acreditam nisso, a escravidão está nas margens da sociedade e é fora-da-lei em todos os lugares. Mudamos completamente o entendimento sobre esse assunto. De uma certa maneira, o que Shellenberger e Nordhaus dizem é que os abolicionistas devem desistir e juntar-se a outras causas. Para eles, essa é a maneira pela qual a escravidão eventualmente vai

desaparecer – quando a abolição se tornar importante para outros grupos de pessoas. Eu sugiro o oposto, que queremos um mundo em que todos concordem que a escravidão é algo errado, onde todos concordem que o meio ambiente precisa ser protegido.

Apesar da conscientização ocorrida nos últimos dois ou três anos, não atingimos esse estágio... É impressionante, mas é verdade, há um grande número de pessoas que não entendem que vivemos em um mundo finito, que nunca perderam um minuto para pensar que toda a água que jamais vamos ter, todos os minerais que jamais vamos ter, todos os combustíveis fósseis que jamais vamos ter já estão aqui no planeta e nós os estamos usando.

O que mostra que a questão ambiental é bem ampla. Shellenberger e Nordhaus, por exemplo, reduzem o desafio ambiental ao aquecimento global e dão a entender que, ao adotar as energias limpas e enfrentá-lo, estaremos em marcha para uma vida mais sustentável. O senhor concorda?

É um erro grave assumir que a mudança climática é o único problema que enfrentamos, ou mesmo o mais importante. E por uma razão em particular: o fato de que o tipo de pensamento que nos colocou neste problema não é o tipo de pensamento que pode nos tirar dele. A razão pela qual enfrentamos o aquecimento global é porque nos permitimos ser míopes, permitimos que o nosso pensamento ficasse a cargo de pessoas fechadas em quartos estanques sem se comunicar entre si, que fôssemos muito reducionistas ao buscar prosperidade e felicidade. Sabemos agora que precisamos ser o oposto disso, olhar longe e pensar de maneira holística para ter certeza de que as soluções não levem a conseqüências que não queremos, e que, com sorte, elas dêem conta de mais de um problema ao mesmo tempo. Eu me preocupo muito com o fato de que várias das respostas que vemos para o aquecimento global provêm do mesmo tipo de pensamento com foco único que criou o problema. Por exemplo, a idéia de encher os oceanos de partículas de ferro, ou a idéia de que tudo o que precisamos é energia nuclear, ou de que precisamos de biocombustíveis a qualquer custo. Todas essas coisas têm potencial para dar incrivelmente errado.

É uma visão que ignora a complexidade? Sim, e

é justamente por isso que sugerir que o aquecimento global está acima de todos os outros temas é uma má idéia.

O ambientalismo tradicional, em geral, mostra-se relutante em relação à tecnologia, mas o *bright green environmentalism* é adepto das soluções tecnológicas. Por quê? Não há como ser contra a tecnologia, contra a urbanidade ou contra a inovação neste ponto da história e considerar-se um ambientalista. Não há resposta que exista atualmente que nos permita evitar a catástrofe, e a única maneira é mudar o que temos hoje e inventar coisas novas. Não podemos voltar a ser agricultores do século XIX, nós abandonamos esse mundo, não vivemos mais assim. Se quisermos ser sustentáveis agora, vai ser com inovação e a transformação completa, em escala planetária, da civilização material que desenvolvemos. E isso requer tecnologia, requer aceitar as possibilidades das cidades, requer pensamento inovador e holístico. A rejeição da tecnologia pelos ambientalistas significa que as pessoas sobre quem recai a tarefa de determinar a tecnologia – que permanecem na conversa sobre que tipo de tecnologia vamos ter – são as pessoas que não se importam com o meio ambiente. Temos de ter certeza de que o meio ambiente e as questões sociais, éticas e políticas são levados em conta quando decidimos os tipos de tecnologia com os quais vamos viver.

A questão essencial é: estamos sendo inteligentes na formulação do problema e nas soluções que propomos? Para cada tipo de vida, para cada nação e para cada posição na sociedade, os problemas e as soluções são diferentes, mas o objetivo maior tem de ser o mesmo, criar um planeta sustentavelmente próspero para todos.

O que são “contextos revelados”, “fluxos observados” e “serviços compartilhados”? Por que são importantes para a visão de um futuro *bright green*?

Essas coisas revelam uma característica fundamental do pensamento *bright green*, que é a idéia de que, até recentemente, era quase sempre mais barato queimar combustível, desperdiçar alguns recursos, do que pensar mais. Se olharmos para uma linha de montagem, os trabalhadores custavam barato, o carvão custava barato, o aço custava barato e os engenheiros custavam muito caro. Isso, entretanto, ficou no passado. Vivemos agora em um tempo em que compartilhar a inovação é mais fácil e mais comum do que jamais foi na história da humanidade. Temos a capacidade de monitorar os fluxos de recursos e energia em uma escala muito precisa – e estamos fazendo justamente isso –, temos a habilidade de enxergar o contexto de bens e objetos e compreender as maneiras em que diferentes grupos de pessoas interagem em diferentes partes do sistema econômico. Tudo isso significa que, agora, ser inteligente é mais barato do que usar materiais e energia. De certa forma, isso é positivo por si só, pois podemos economizar dinheiro de mil maneiras apenas sendo mais eficientes. E é possível não apenas fazer as coisas da forma mais eficiente, mas há coisas que não éramos capazes de fazer no passado, mas agora somos. Um exemplo é o contexto de bens e serviços, ou seja, o que aconteceu antes que você comprasse alguma coisa, de onde essa coisa veio, quem fez, com que recursos, que tipo de energia foi utilizada, e, quando você tiver acabado de usar, para onde ela vai, como vai ser disposta? No século XX, na maior parte do tempo, não havia tais informações, mesmo se quiséssemos saber, e às vezes nem as pessoas que faziam as coisas

sabiam. Isso é uma das coisas que estão mudando mais rápido agora, é cada vez mais fácil ter essas informações. Isso permite que as pessoas comecem a apoiar, em seu cotidiano, a mudança nos sistemas maiores, porque muitas das coisas que precisam mudar estão fora do nosso controle imediato. Eu não posso desligar a usina a carvão e ligar uma usina eólica. Eu não posso mudar o jeito como a minha cidade é planejada, não posso transformar os campos do Meio-Oeste americano de monoculturas químicas em agricultura orgânica e diversificada. Não posso fazer essas coisas por mim mesmo, mas essas são as coisas importantes que precisam ser feitas, não apenas reciclar o meu lixo e apagar as luzes. Nós precisamos de transformações, não apenas de um comportamento melhor.

Isso significa que a ação individual não é importante? Significa que somente a ação individual não é suficiente. Mais do que isso, significa que os indivíduos precisam agir com base no que aprenderam sobre o funcionamento dos grandes sistemas e sobre a sua própria relação com esses grandes sistemas. É por isso que revelar os contextos e os fluxos é tão importante, porque essa é a maneira de ajudar as pessoas a entenderem qual é a sua relação, como indivíduos, com esses sistemas gigantescos com os quais todos nós estamos engajados. Nos ajuda a compreender, o que é sempre bom por si só, por que mudar nosso pensamento é sempre o primeiro passo. Mas, além disso, nos ajuda a começar a buscar, diariamente, alternativas

melhores. Uma vez que as pessoas sabem o que existe por trás de uma coisa que estão comprando, especialmente se a história dessa coisa é algo que as faz sentir vergonha ou que não corresponde aos seus valores e ética, elas começam a mudar suas decisões, e isso pode rapidamente modificar o que as empresas vão vender. O grande exemplo são os “diamantes de sangue”. Por muitos anos, especialmente na África Central, extraíam-se diamantes em zonas de conflito com o trabalho forçado de pessoas em campos de concentração, e o dinheiro da venda era usado para comprar armas e alimentar a guerra. Toda vez que alguém comprava um diamante desses em outro país, estava essencialmente pagando para manter os campos, a guerra e o genocídio. Durou muito tempo, pois as pessoas não sabiam disso. Até que um grupo de ONGs, especialmente a GlobalWatch, de Londres, resolveu agir e revelar isso para o mundo. Eles usaram investigação e outras técnicas para mostrar que os diamantes que acabavam nos dedos das pessoas em outros países eram extraídos ao custo da vida de pessoas, estavam cobertos de sangue. Essa revelação mudou totalmente a indústria de diamantes, ela ainda está sentindo os efeitos. Os diamantes canadenses, que são relativamente mais “éticos”, vivem um *boom*, há esforços para regular a indústria de diamantes, o preço dos diamantes caiu. Houve um impacto tremendo apenas com a revelação de que, ao comprar um diamante, você poderia estar fazendo algo horrível. Agora imagine todos os aspectos da sua vida, alguns produtos são como os diamantes de sangue, têm contextos horríveis, e outros produtos, mesmo que não tenham contextos benéficos, pelo menos têm contextos aceitáveis. Eu acho que, à medida que a transparência, os contextos e a revelação dos fluxos se tornarem mais comuns, vamos começar a ver as pessoas tomando decisões múltiplas todos os dias sobre o tipo de mundo em que querem viver, porque elas não querem um anel feito de diamantes de sangue, também

não querem comprar roupas costuradas por meninas de 13 anos, ou comida cultivada com pesticidas por gente que ganha alguns centavos por dia. Por isso é tão importante, porque permite que as pessoas normais tenham acesso aos pontos de alavancagem dos grandes sistemas de produção.

Elas estariam forçando as empresas a desenhar as coisas de maneira diferente? Qual a importância do *design* para o *bright green environmentalism*? É fundamental, a sustentabilidade é fundamentalmente um problema de *design*. Nós nos propusemos a alcançar um determinado conjunto de objetivos, desenhamos os sistemas para atingir esses objetivos, e esses sistemas acabaram tendo efeitos que não havíamos previsto, ou com os quais não nos preocupávamos. Agora sabemos que esses efeitos são muito sérios, então o que precisamos fazer antes de tudo é voltar para o começo e analisar os objetivos. Se aqueles forem os objetivos que queremos – se ainda queremos ser prósperos, ter vidas felizes, sentir-nos seguros –, então como podemos alcançá-los sem produzir aqueles efeitos? Temos de redesenhar tudo de forma que os efeitos produzidos sejam aqueles com os quais queremos viver.

Há também uma questão estética? Sim. O

(arquiteto e designer americano) Buckminster Fuller dizia que, quando estava analisando os problemas e tentando achar uma solução, ele nunca pensava na beleza, mas, quando descobria o que achava ser a solução, se ela não fosse bonita, ele sabia que estava errada. Eu acho que isso é verdade, pois parte do que estamos compreendendo é que muitas coisas que são bonitas ou emocionantes, mais justas ou mais democráticas, ou que respeitam mais a história e nos deixam profundamente satisfeitos como seres humanos... essas coisas são as que no fim são as mais sustentáveis para o planeta.

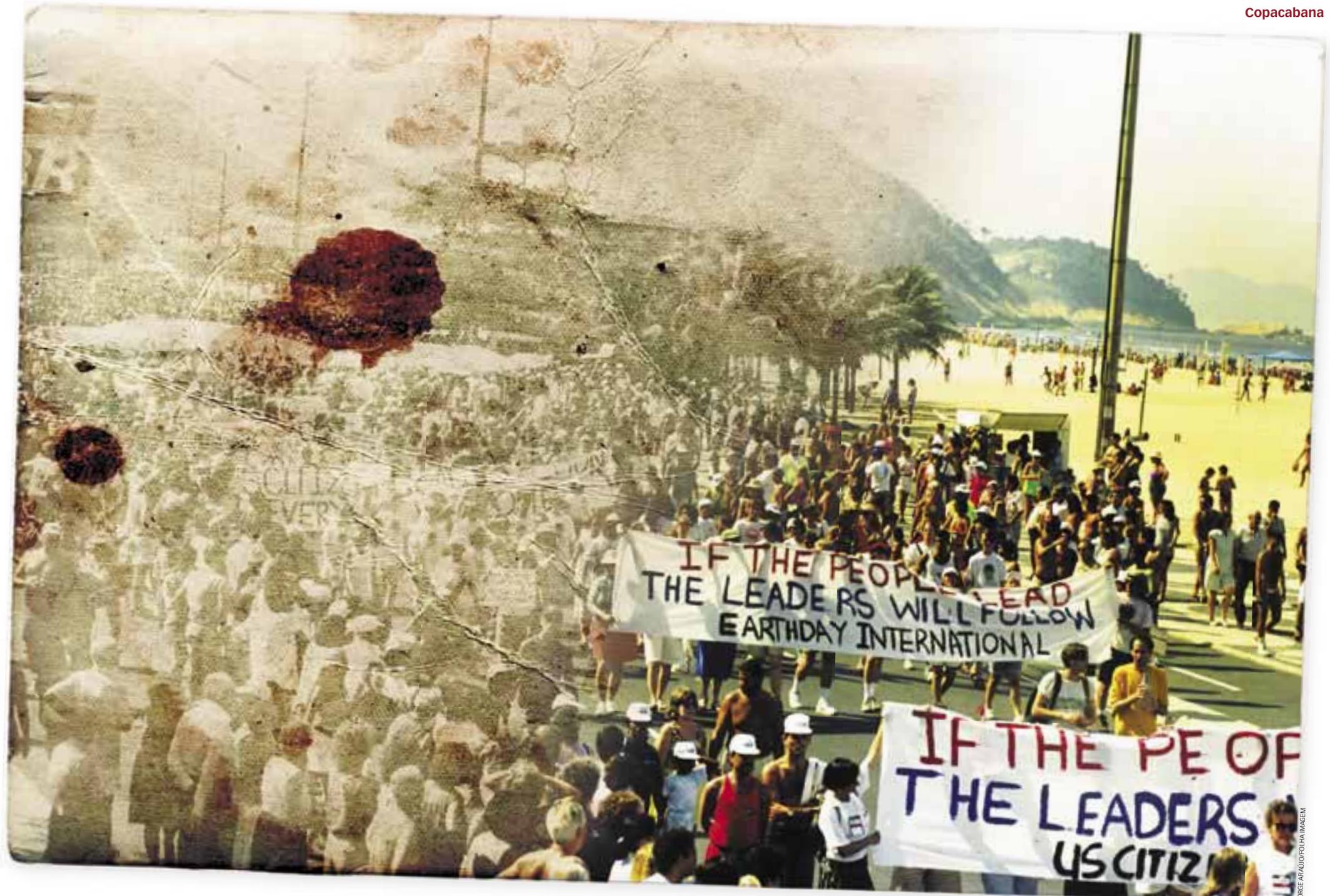
Pessoalmente, qual é sua idéia de prosperidade? É uma combinação de coisas, como para muitas pessoas que trabalham no terceiro setor, eu não me incomodaria de ganhar um pouco mais de dinheiro. Mas é também ter a sensação de segurança financeira e ter acesso a experiências que são emocionalmente ricas, seja passar tempo com a família, seja cozinhar, poder ver um bom filme e poder, de vez em quando, viajar a um lugar que sempre quis ir.

A bandeira de origem

Após avanços inquestionáveis, uma reinvenção do movimento é o que propõe a maioria dos entrevistados por PÁGINA 22. No momento em que a sustentabilidade torna-se uma causa grande demais para caber no círculo onde nasceu, novas práticas e visões são necessárias para que a identidade se preserve

| POR **Amália Safatle**

Passeata realizada durante a Rio-92, em Copacabana





A Constituinte, que completa 20 anos em outubro, empoderou um movimento que efervescia na década de 80

“Quase 70% da área do Brasil é intocada em unidades de conservação, reservas, áreas de preservação. Estou preocupado com a extinção da área agricultável no País.” Com essas frases o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, arrancou aplausos no auditório no World Trade Center, em São Paulo, enquanto luzes se acendiam sobre a eufórica platéia formada por representantes do maior setor produtivo brasileiro. A fala do ministro abria o 7º Congresso da Associação Brasileira de Agribusiness, com o tema “Agronegócio e Sustentabilidade”.

Mas, mais que esses dizeres na faixa pendurada no palco, o pano de fundo do encontro era o inconformismo do setor com o Decreto nº 6.514, que exige a recomposição de reserva legal e áreas de proteção permanente das propriedades rurais. Um novo êxtase tomou conta dos participantes quando Assuero Veronez, presidente da comissão de meio ambiente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), fechou sua apresentação com uma imagem do Cristo Redentor: em topo de morro, até ele está ilegal. Isso para dizer: “Nunca houve tanta insegurança institucional para os produtores: é reforma agrária,

são os quilombolas, os territórios indígenas, as áreas de proteção ambiental”.

Veronez criticou o excesso de ações de comando e controle, acusou a formação de uma “muralha verde” nas Unidades de Conservação e denunciou o que chama de “farsa do desenvolvimento sustentável”, em que

o equilíbrio do *triple bottom line* teria sucumbido ao peso maior do vértice ambiental. (Dias depois, o lobby agrícola conseguiu do ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, alterações no decreto, tais como crédito e mais tempo aos produtores para se adequarem à lei, além da possibilidade de compensar reservas legais em outras propriedades do mesmo bioma, inclusive com plantio de espécies exóticas.)

Isso mesmo após Eduardo Assad, chefe-geral da Embrapa Agropecuária, mostrar na ponta do lápis o prejuízo estimado em R\$ 6,7 bilhões por ano para o agronegócio por conta das mudanças climáticas em 2020, no mais otimista dos cenários. Também pareceu em vão a “aula” de Virgílio Viana, diretor-geral da Fundação Amazonas Sustentável, sobre os serviços ambientais que as florestas prestam ao agronegócio,

na manutenção do equilíbrio climático e na formação de chuvas que irrigam plantações no Sul e Sudeste. Explicou que pagar por sua conservação é também investir na produtividade agrícola – ou melhor, em sua sustentabilidade. Mas, na mediação entre palestrantes, o jornalista Paulo Henrique Amorim reduziu o instrumento de pagamentos por serviços ambientais a “uma espécie de CPMF da chuva”, para tirar gargalhadas da platéia e encerrar o assunto.

Como bem notou um consultor presente ao evento, o “e” entre “agronegócio” e “sustentabilidade”, que deram título ao encontro, expressa como ainda são vistos como separados, sem integração – embora o primeiro tenha incorporado a segunda em sua agenda, muitas vezes na forma de uma feroz reação por parte das alas mais conservadoras.

Quando o ministro da Agricultura usa o termo “extinção”, tão próprio do linguajar ecologista, reforça a tese da apropriação do significante, mas não necessariamente do significado. O mesmo ocorre quando a Associação Nacional para Difusão de Adubos publica anúncios em jornal, como fez recentemente, falando de “gerações atuais e futuras”. A expressão extraída de *Nosso Futuro Comum*, relatório histórico da Co-

ainda é protagonista desse movimento, ou dele se tornou respeitado observador, PÁGINA22 colheu 13 depoimentos, vários indicando respostas, que passam por diagnósticos e autocríticas. Institucionalização excessiva do movimento, acomodação, falta de governança e transparência, baixa capilaridade, necessidade de modernizar as formas de comunicação, de renovar quadros, de arejar idéias, rever dogmas e, antes de tudo, mudar a maneira de ser. Uma reinvenção do movimento é o que propõe a maioria. Se conquistas importantes foram alcançadas com o copo meio cheio, é de se imaginar o que será obtido caso a outra metade seja completada.

Antes que o ambientalismo morra

Aron Belinky lembra quando colava decalques nos toalheiros dos banheiros de restaurantes para alertar as pessoas sobre a preservação ambiental. Uma comunicação, digamos, de “guerrilha”, era o pouco que muitos ativistas tinham à mão no Brasil da década de 70, além do livro *Antes Que a Natureza Morra*, de Jean Dorst, “bíblia” do movimento *grassroots* – baseado no voluntariado e em ações de rua. Belinky, escoteiro como muitos ambientalistas de sua geração,

Entre as autocríticas de socioambientalistas estão acomodação, baixa capilaridade, pouca articulação e até necessidade de mudar o jeito de ser

missão Brundtland que em 1987 cunhou a acepção de desenvolvimento sustentável, é usada para vender mais adubo, sob o argumento de que no mundo nascem 135 milhões de crianças por ano.

Quem olha o copo e o vê meio cheio reconhece o sucesso do ativismo social e ambiental, que nas últimas décadas lutou para que a temática entrasse no radar do setor produtivo, com CNA e Greenpeace, por exemplo, sentando-se na mesma sala e contrapondo suas idéias. Reações fortes contra o socioambientalismo seriam a prova de que as ações têm incomodado e surtido algum efeito.

Quem o vê meio vazio enxerga a necessidade de revisar o movimento e suas estratégias, para que o significado não se dilua em apropriações pelo *mainstream*, eventualmente usadas para amortecer as ações que pedem profundas transformações na sociedade. Mas, nessa revisão de caminhos, os próprios ambientalistas perguntam para onde ir. Entre quem já foi ou

pertencia à ONG Sociedade Brasileira da Fauna e da Flora, fundada por um fabricante de luminosos preocupado com o verde, que arregimentou uma moçada em torno da causa.

Em um rápido filme que passa em sua cabeça, Belinky vê na década de 80 o florescer de um movimento que coincidia com a abertura política no Brasil, a eleição de Fabio Feldmann para a Câmara dos Deputados, o lançamento do Movimento Defesa São Paulo e a Constituinte – que completa 20 anos em outubro próximo –, até desembocar na efervescente Rio-92.

Hoje Belinky coordena o grupo de ONGs que representa a sociedade civil nas discussões sobre o conjunto de normas ISO 26000, e se recorda da resaca que tomou conta do movimento após o encontro histórico no Rio. “Todo mundo começou a falar: ‘Chega de ecochato, já tô legal de mico-leão-dourado’. A sociedade passou a reconhecer a importância da

mensagem, mas o movimento não conseguiu imprimir um senso de urgência”, diz.

Se a meta, agora, for imprimir esse senso e conquistar finalmente o *mainstream*, ele questiona: que dilemas isso coloca para socioambientalismo? Vai se auto-extinguir? O quanto triunfar mexe com o *status quo* das entidades que compõem o movimento socioambiental e seus participantes? “É o caso das instituições voltadas para o combate da pobreza: se a pobreza acabar, como sobreviverão?”, exemplifica.

Do tamanho do mundo

A questão é que a problemática ambiental assumiu tamanha proporção, exponenciada pelo aquecimento global, que a causa não cabe mais no círculo do ambientalismo, tal qual um adolescente em roupas de criança. “Diante disso, o que começou como luta de alguns precisa passar por uma inflexão”, afirma a senadora e ex-ministra Marina Silva. “Não podemos mais ser um grupo, temos de lutar para ser um todo. E lutar para ser um todo significa, de alguma forma, a diluição, mas sem a perda da identidade daqueles que se agruparam, em um determinado momento, para questionar e para resistir.”

Para Marcio Santilli, coordenador de mudanças climáticas do Instituto Socioambiental (ISA), se existe uma crise no movimento, essa é uma crise de cres-

ambiental, seja na sua positiva disseminação para fora do “gueto”, uma perda de protagonismo é sentida por pessoas como Sergio Leitão, diretor de políticas públicas do Greenpeace. “A bandeira da sustentabilidade foi tomada da nossa mão. De agora em diante, se a gente quiser dividir a cena, precisa ter competência para fazer parte das idéias que a gente mesmo lançou”, afirma. “Para isso, precisamos nos renovar”.

Um método seria começar pela revisão da própria causa e dos objetivos, e em seguida repensar as formas de alcançá-los. Segundo Belinky, o movimento institucionalizou-se de tal forma em entidades e redes, e tornou-se tão pragmático que, embora tenha havido um ganho de profissionalismo, muitas organizações têm o fim em si mesmas. “O seu objetivo é essencialmente lutar pela própria sobrevivência e apenas prestar serviços na área socioambiental.”

Estratégia suicida

O mais novo desafio que o professor de História Ambiental da Universidade Federal do Rio de Janeiro, José Augusto Pádua, enxerga é responder de forma muito realista e propositiva a um fenômeno com o qual pode-se não concordar, mas que considera legítimo no Brasil: o desejo de crescimento e de consumo. “Dizer ‘não, não e não’ e se eximir da responsabilidade de apontar alternativas é uma estratégia suicida. Não

queremos entrar em uma ditadura ambientalista.” É diferente de países como a Inglaterra, diz ele, onde discutir limites é realmente necessário, mas isso não pode aplicar-se a toda a sociedade brasileira, e sim a uma pequena e privilegiada parte dela.

O que tanto Pádua como Leitão propõem é que o socioambientalismo mantenha como meta mudanças profundas de paradigma, mas que a curto prazo busque transformações graduais e flexíveis nessa direção, por meio de uma comunicação capaz de mobilizar as pessoas, e não afastá-las. (reportagem à pág. 42) “O Brasil não quer ouvir ‘não’, o Brasil bossa-nova é o país que diz ‘sim’. Isso não significa abrir mão da posição”, frisa Leitão. Ele exemplifica com um tema caro ao Greenpeace, a campanha contra a energia nuclear. “A geração nascida dos anos 80 não vivenciou Chernobyl



Segundo o Greenpeace, não basta mais dizer à geração atual que é contra a energia nuclear, mas explicar por que e propor alternativas

(o acidente da usina nuclear na Ucrânia) e nem sabe de cor, como a anterior, a letra de *Rosa de Hiroshima*. Então, não basta dizer que somos contra e ponto final, mas por que, como, quais as alternativas.”

Pádua critica, por exemplo, a campanha negatista contra os biocombustíveis, que em sua opinião são uma alternativa muito importante no combate à mudança climática e não pode ser rechaçada de cara. E que é preciso, sim, aprimorar a forma de produzi-

los, uma pressão que depende da participação do movimento. Segundo ele, o ajuste estrutural-ecológico de que o mundo necessita sem dúvida requer mais consciência e um novo comportamento das pessoas, mas também mudanças no padrão produtivo, por exemplo, com a chamada desmaterialização da economia, por meio da fabricação de produtos menores, com menor emprego de recursos naturais e energéticos. E não simplesmente com a negação da produção e do consumo.

São dogmas que os próprios ambientalistas têm questionado. Eduardo Viola, hoje professor da Universidade de Brasília, pressupõe a tecnologia como questão-chave com a qual o movimento deve lidar, pois a considera central na busca de soluções para a sustentabilidade. “O ambientalista precisa ser mais tecnológico e pró-ciência e menos utópico, doutrinário e ideológico. Thais Corral, que preside o Conselho Diretor da Associação Brasileira para o Desenvolvimento de Lideranças (ABDL), também acredita que nada mais será conquistado sem tecnologia e ciência. “Por mais boa vontade das pessoas em não usar o carro, a questão do transporte urbano e das emissões e poluição, por exemplo, vai exigir inovações dos engenheiros, da indústria automobilística, da administração do orçamento municipal.”

Eduardo Viola defende que os ambientalistas revejam suas posições sobre tabus como energia nuclear, hidrelétricas e transgênicos, dado que é urgente “descarbonizar” a economia, e afirma que o desconhecimento sobre os riscos da biotecnologia é cada vez menor. Quanto às incertezas que perduram, ele responde: “A história da vida na Terra é cataclísmica e a civilização está baseada no risco. O que é preciso é administrá-lo e moderá-lo, mas nunca extingui-lo. O ambientalista precisa saber que não pode ter tudo”. Para ele, embora muitas dessas revisões já aconteçam em países desenvolvidos, no Brasil estão atrasadas em razão do baixo nível educacional e científico do País.

Fabio Feldmann, secretário-executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, diz que é contrário à energia nuclear e tem dúvidas sobre a biotecnologia. “Mesmo assim, a gente precisa estar preparado para rever opiniões e não mais enfrentar a discussão com a sociedade de maneira simplista”.

Resta saber o quanto essa carga de inovação no pensar, agir e comunicar-se é possível sob o *business as usual* das organizações.

“Não somos mais um grupo, temos de lutar para ser um todo. Isso significa, de alguma forma, a diluição, mas sem perda de identidade”, diz Marina Silva

cimento. “O clima retira as questões socioambientais do gueto e as leva para o centro de uma discussão civilizatória.” (leia Reflexão à pág. 26)

Agora, diz Marina, é a hora de expandir o socioambientalismo para dentro das empresas, da academia, da política, das artes, da filosofia, de todos os espaços. “Com essa diluição, pode parecer que as coisas já não são palpáveis. Às vezes a gente questiona a tecnologia ou os processos em si, quando o grande questionamento deve ser sobre em quem precisamos nos tornar para mudar a forma de agir”, diz Marina. Como, na carta 13 do tarô, a morte não significa necessariamente o fim, mas o enterro de uma fase para dar início a outra, na forma de uma transformação inevitável, ou mesmo um rejuvenescimento.

Seja na apropriação indevida da mensagem socio-



GREENPEACE/PATRICIA CRUZ

Entre os "tabus" do ambientalismo, a biotecnologia já passa por revisões

Que movimento?

Maristela Bernardo, jornalista, socióloga e consultora independente, tem um primo que é padre, em São Miguel Paulista, periferia leste da cidade de São Paulo, e engajado com a temática ambiental. Nas novenas rezadas com a comunidade, já levou Fabio Feldmann, o jornalista André Trigueiro e ela mesma para falar de meio ambiente. As palestras atraem pessoas que chegam em casa do trabalho às 8, 9 horas da noite, após enfrentar horas de trânsito em precários sistemas de transporte coletivo.

"Quando a gente vê 400, 500 pessoas na igreja, atentas ao tema ambiental, dá pra sentir a orfandade delas", diz Maristela. Estão procurando alguém que lhes dê uma senha para agirem diante de temas como o aquecimento global. "E as ONGs não têm feito isso, porque não é mais da sua natureza. Elas se institucionalizaram tanto, que atuam apenas em uma negociação entre as elites", afirma.

Maristela acredita que não há crise no movimento

socioambiental simplesmente porque ele não existe mais. Para ela, formou-se uma nova elite de poder, a das ONGs, descolada das bases e acomodada em seu *status quo*. "Não há disposição nem estrutura para as organizações se capilarizarem na sociedade", afirma. "É preocupante, porque a questão socioambiental não terá solução sem intervenção e participação das massas." Frank Guggenheim, que há três meses deixou a diretoria executiva do Greenpeace e hoje medita nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, alerta: "É muito importante que os líderes de ONGs que estão sentados às mesas mantenham ligação com suas bases".

Mas essa não é a sua única observação. Baseado em exemplo próprio, Guggenheim defende a renovação do poder nas organizações. "Quando assumi, queria ficar por seis anos. Um ano antes de completar o período, anunciei minha saída para iniciar o processo de procura do sucessor". O escolhido foi Marcelo Furtado, já pertencente ao Greenpeace.

Assim como melhor governança, acrescenta

O cidadão quer saber como agir diante de temas como clima, mas as ONGs não dão respostas, porque não é mais da natureza delas, diz especialista

Guggenheim, a busca deve se dar também por mais transparência e prestação de contas, de forma a obter legitimidade e credibilidade. Com isso, diz Feldmann, é mais fácil obter recursos para campanhas, renovação de quadros, melhorias de gestão e retenção de talentos com melhores salários, gerando um círculo virtuoso, inclusive com produção de conteúdo e de informação qualificada para a sociedade. "Uma agenda para o Brasil são ONGs com *constituency*, com 400 mil, 500 mil pessoas físicas filiadas em torno do mesmo objetivo."

Mas, além do fato de que aqui não há o hábito de se destinar todo mês uma contribuição às organizações – excetuando-se as de caridade –, Maristela lembra que as organizações foram criadas em época de farto recurso da cooperação internacional, o que gerou

acomodação, em vez de se investir em uma cultura de sustentação pulverizada.

Com 38 mil colaboradores no Brasil (no mundo são 3 milhões) que fazem sua doação porque, teoricamente, acreditam na causa, o Greenpeace é, na opinião de Pedro Roberto Jacobi, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da USP, uma entidade que faz diferença, pois consegue um mínimo de capilaridade e diálogo horizontal.

Hoje, com menor fluxo de recursos externos, as entidades de forma geral estão dependentes de dinheiro público e da iniciativa privada – e descapitalizadas. Ana Cristina Barros, representante da The Nature Conservancy no Brasil, listou apenas 23 ONGs com orçamento superior a R\$ 500 mil anuais, ao mesmo tempo que o cenário mais complexo e que demanda inovação de toda ordem exige profissionais mais capacitados.

Na relação com o setor privado, Guggenheim afirma que sempre há risco de cooptação. "Um acordo nunca vai sair como os ambientalistas gostariam, então é preciso saber ceder as coisas certas, não se render a compromissos podres e denunciar as falsas promessas." Monica Borba, coordenadora de projetos da ONG 5 Elementos e especializada em educação ambiental, pondera que hoje as empresas têm uma postura muito diferente. "Desenvolvo projetos há 15

anos, e, sempre que começava alguma mudança de consciência, a empresa encerrava o contrato. Agora não é mais assim."

Mas, antes de encarar o relacionamento com o setor privado ou o público, cabe aos socioambientalistas pensar no quanto estão articulados entre si, diz Jacobi. Sem uma união interna em torno de objetivos comuns, superiores à necessidade de buscar a própria sobrevivência, a bandeira por eles levantada não voltará sozinha às suas mãos.

A busca pela sustentabilidade teve uma origem. Não perder esse foco original é cuidar para manter firme o mastro, ainda que a bandeira possa – e deva – ser empunhada por todos.

P22

Todas as fotos foram manipuladas digitalmente.

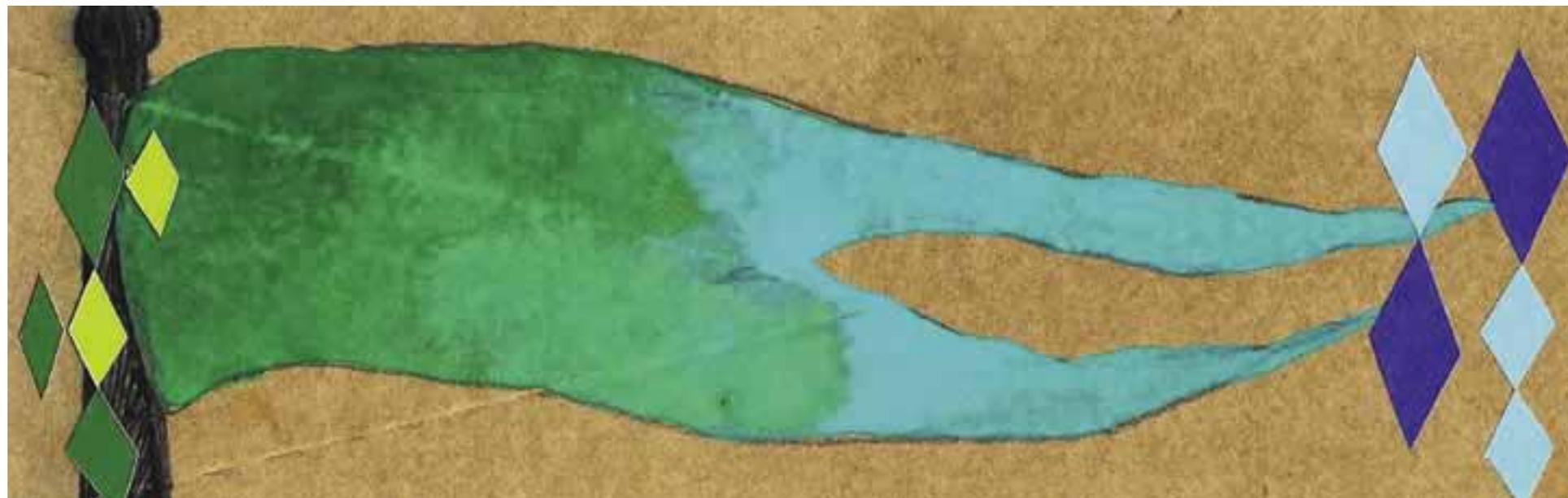
A causa em busca de um movimento

O aquecimento global e a afluência material desafiam o ambientalismo nos Estados Unidos do século XXI

Levou pouco mais de três anos para que o verde se transformasse em azul. Em dezembro de 2004, Adam Werbach decretou a morte do ambientalismo em um discurso no Commonwealth Club, na Califórnia, que ficou famoso nos círculos verdes americanos. Era o menino-prodígio – em 1996, aos 23 anos, Werbach foi eleito presidente do Sierra Club, uma das organizações ambientais mais respeitadas dos EUA – dizendo aos mestres que o sonho acabou. Em abril de 2008, no mesmo Commonwealth Club, Werbach voltou à carga, desta vez para anunciar o nascimento do movimento azul. Em ambos os casos, as reações foram indignadas.

“O ambientalismo está morto, em boa parte porque nunca foi capaz de igualar o poder da direita de narrar uma visão irresistível para o futuro da América. O argumento que vou defender esta noite é que cada vez que os ambientalistas ultrapassam os limites do discurso ambiental para articular uma visão ampla, mais inclusiva e persuasiva, eles deixam de ser ambientalistas e passam a ser progressistas”, disse Werbach no primeiro discurso.

E, em abril de 2008: “Em dezembro de 2004, eu fiz a autópsia do ambientalismo. Hoje, estou aqui para reconhecer o nascimento de um movimento azul. Vasto e comum como o oceano, azul é uma plataforma para a sustentabilidade que vai além do verde bonito e profundo do ambientalismo. O verde coloca o planeta no centro do diálogo. O azul coloca as pessoas no centro”.



O movimento concebido por Werbach é movido pelos consumidores e substitui os tradicionais quatro Ps do marketing – produto, preço, promoção e ponto-de-venda – por outros três – preço, práticas e processo. “Acredito que devemos comprar as coisas que são mais baratas, porque isso torna possível que elas sejam *mainstream*. Mas é preciso haver um motivo para comprar, ou seja, como aquela coisa se encaixa nas práticas que tenho na minha vida? Por fim, os processos usados para que ela fosse criada são processos dos quais posso me orgulhar?”, resumiu em entrevista à rádio pública americana. Com essa base, disse

Werbach, é possível alterar o estilo de vida de cada um – desde que as pessoas se disponham a adotar o que ele batizou de Projeto Pessoal de Sustentabilidade (PPS) – e, no conjunto, gerar impactos positivos não só para o meio ambiente, mas para a sociedade e a economia.

“Engajar as pessoas como consumidoras nos dá a possibilidade de construir um movimento de bilhões. Para ser parte dele, as pessoas não precisam assinar uma petição ou pagar mensalidade. Elas não recebem uma *newsletter*, um cartão de sócio para colocar na carteira ou um calendário para pendurar na parede. Imagine o que

esse movimento pode fazer”, conclamou.

Na imaginação dos tradicionais ativistas do verde-escuro, o movimento azul já nasceu morto, pois perpetua o consumismo que, na visão deles, alimenta o sistema que causa e aprofunda a crise ambiental. Hoje consultor, Werbach foi criticado por “pintar” seu movimento de azul, cor do logo do Wal-Mart – o gigante americano do varejo criticado por suas práticas trabalhistas –, onde promove o PPS entre os funcionários.

A busca de Werbach por um movimento que mobilize grandes massas de pessoas, apesar da polêmica sobre o consumo, denota uma preocupação generalizada

entre os defensores do meio ambiente, independente do tom de verde – ou outra cor – ao qual sejam adeptos. A despeito do aumento da conscientização ambiental em todo o espectro – dos indivíduos e seus representantes políticos às grandes corporações –, ainda não se consegue vislumbrar como mobilizar uma sociedade consumista e individualista para a mudança em direção à sustentabilidade ecológica.

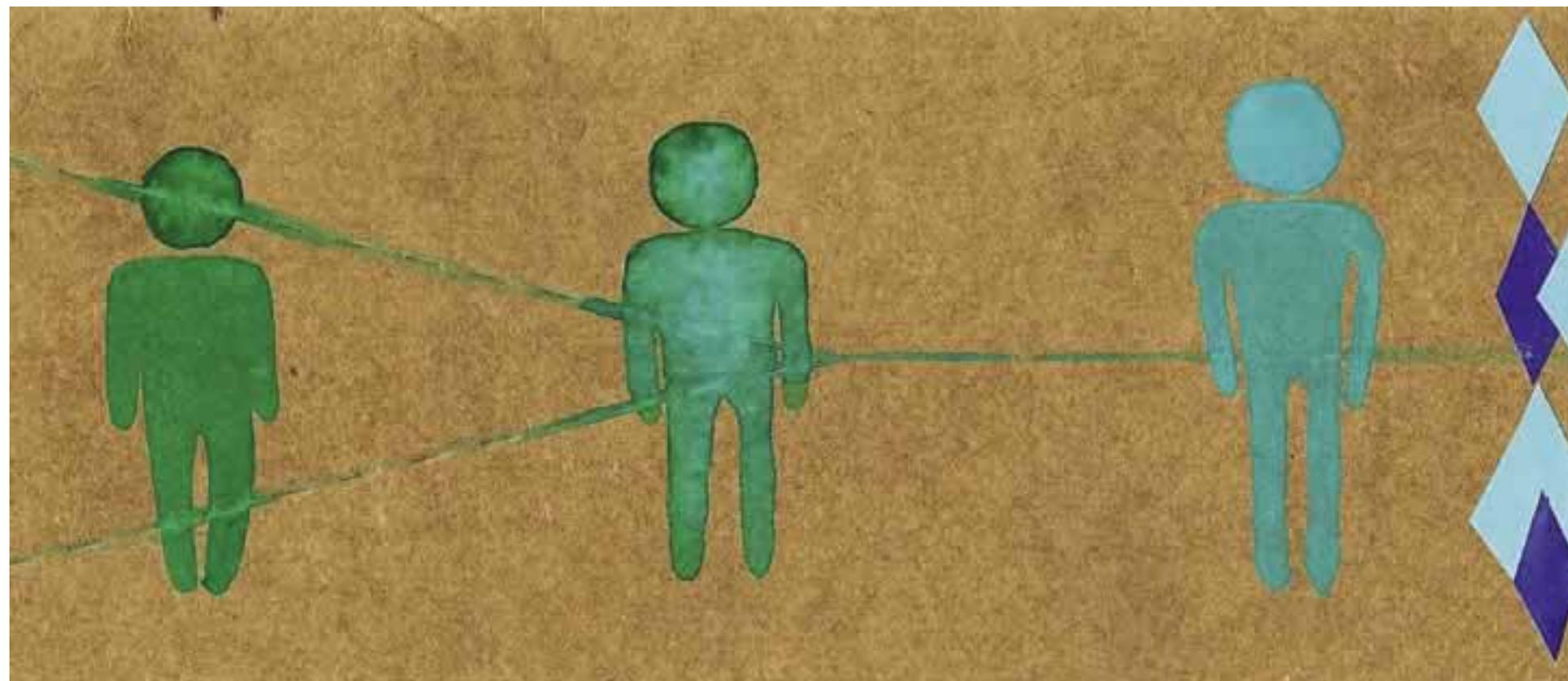
Além da coruja pintada

O primeiro discurso de Werbach no Commonwealth Club ecoou outros clamores por uma agenda ampliada e progressista

que englobasse as questões ambientais, mas não se limitasse a elas. Alguns meses antes, em 2004, um ensaio intitulado “A morte do ambientalismo” circulou na reunião anual da Environmental Grantmakers Association. Nele, Michael Shellenberger e Ted Nordhaus, consultores com passado no ativismo ambiental, defendiam que o ambientalismo havia se tornado apenas mais uma causa. “O ambientalismo é hoje mais proteger uma suposta ‘coisa’ – o ‘meio ambiente’ – do que promover a visão de mundo articulada por John Muir, fundador do Sierra Club, que há quase um século observou: ‘Quando tentamos selecionar apenas uma coisa, descobrimos que ela está conectada a tudo o mais que existe no Universo’”, escreveram.

Para Shellenberger e Nordhaus, o moderno ambientalismo americano é refém de seu período de glória – os anos 60 e 70, quando conseguiu aprovar uma série de políticas e regulações no Congresso em defesa de “causas” ambientais, muitas vezes ancoradas nas chamadas “espécies carismáticas”. O caso da coruja pintada que habita as antigas florestas da região Noroeste dos EUA é emblemático dessa era. Em 1990, depois de anos de acalorado debate entre ambientalistas, governo e indústria madeireira, a espécie foi declarada ameaçada de extinção. A medida proibiu a exploração de boa parte das florestas que abrigam o animal, mas foi denunciada pela indústria como causadora de irreparáveis danos econômicos.

Em sua crítica, Shellenberger e Nordhaus dizem que o ambientalismo ainda



bebe da noção de que o homem está separado e acima do mundo natural, que, por sua vez, precisa ser defendido e protegido – argumento que vem abaixo diante do alcance e da complexidade das mudanças climáticas. “Por que um fenômeno *produzido pelo homem* como o aquecimento global – e que pode matar centenas de milhares de *seres humanos* ao longo do próximo século – é considerado ‘ambiental’? Por que a pobreza e a guerra não são consideradas problemas ambientais, enquanto o aquecimento global é? Quais são as implicações de definir o aquecimento global como um problema ambiental – e de deixar a responsabilidade de lidar com ele na mão dos ‘ambientalistas’?”, questionaram.

Para ilustrar o problema, Shellenberger e Nordhaus destrincharam a participação de

grupos ambientalistas nos acordos políticos que permitiram que os EUA mantivessem, por décadas, baixíssimos padrões de eficiência no consumo de combustível pelos veículos. “Ao pensar só em seus interesses definidos de maneira estreita, os grupos ambientalistas não se preocupam com as necessidades nem dos sindicatos nem da indústria. Por conseqüência, perdemos grandes oportunidades de construir alianças.” Para problemas definidos como “ambientais”, as soluções em geral são técnicas, e não abrangentes o suficiente para realmente fazer a diferença, acrescentaram.

Batalha na retaguarda

Os dilemas do ambientalismo americano foram analisados mais a fundo pelos sociólogos Robert J. Brulle, da Drexel University,

e J. Craig Jenkins, da Ohio State University. Embora identifiquem no ambientalismo um movimento social vital para a renovação e a transformação necessárias para criar uma sociedade ecologicamente sustentável, os autores apontam um processo de marginalização.

Apesar do crescimento do número de organizações ambientais no passado recente, o impacto ambiental dos EUA continua aumentando, argumentam: de 1961 ao ano 2000, a pegada ecológica americana cresceu 270%. Politicamente, depois de uma boa performance nos anos 80 e meados dos 90, os ambientalistas passaram a sofrer mais derrotas no Congresso – vencendo em apenas 30% das votações, na maior parte das vezes ao bloquear projetos indesejados.

A falta de uma visão de mundo que

inspire a mudança em direção a um novo estado de coisas é um dos motivos da marginalização política do ambientalismo, segundo Brulle e Jenkins. O “conservacionismo”, por exemplo, vê a natureza como recurso a ser usado para as necessidades humanas, atendendo o maior número de pessoas pelo maior período de tempo possível. Nascido no início do século XX, fez parte de um movimento progressista que defendia a regulação dos mercados para garantir justiça social. Entrou em declínio nos anos 60, ressurgindo no conceito de desenvolvimento sustentável do Relatório Brundtland de 1987 e como método científico para gerir os recursos naturais e atender a estrutura social vigente.

O “preservacionismo” – na tradição de John Muir, Henry David Thoreau, pai da

simplicidade voluntária, e Aldo Leopold, fundador da *The Wilderness Society* – defende a proteção da vida selvagem e da biodiversidade e, embora apresente a natureza como necessária para a renovação do homem, não a conecta com preocupações sociais mais amplas, analisam Brulle e Jenkins.

Por fim, o “ambientalismo reformado”, nascido nas décadas de 50 e 60, baseava-se na idéia de que a humanidade é parte dos ecossistemas e, portanto, sua saúde está ligada às condições ambientais. Rejeitava o uso da natureza para lucro e tentava trazer questões sociais para a agenda ambientalista, mas acabou substituído, segundo os autores, por uma visão tecnicista. A partir dos anos 80, foi dominado pela “modernização ecológica”, segundo a qual é possível reduzir os impactos dos processos industriais usando mecanismos de mercado.

Outros dois motivos apontados pelos sociólogos para a marginalização do movimento ambiental são sua crescente profissionalização – que contribui para tornar mais difícil o engajamento das pessoas comuns nas organizações ambientais – e o domínio do processo político americano pelo ideário neoconservador nas últimas décadas, deixando o ambientalismo e as idéias progressistas na defensiva.

“O movimento ambiental está encastelado em uma batalha na retaguarda, tentando preservar o que ganhou no passado por meio de seus discursos dominantes, que não têm ressonância efetiva e falham em conectar-se com uma visão mais ampla de justiça social. Promovem soluções caso a caso que tipicamente não enfrentam

as raízes dos problemas ambientais. Usar as ações de mercado para uma agenda ambiental mais ampla é menos importante do que desenvolver a agenda ambiental mais ampla. Isso requer um movimento ambientalista rejuvenescido com base na prática democrática e na organização. As especificidades são menos importantes do que o método”, concluem os autores.

Nós não vamos pagar nada

Shellenberger e Nordhaus voltaram à carga no final de 2007, com a publicação do livro *Break Through – Da morte do ambientalismo à política do possível*, em que reforçam a idéia de que o ambientalismo é incapaz de lidar com a crise ecológica e defendem que o aquecimento global seja reconceitualizado como algo que atinge toda a civilização – empregos, saúde, as aspirações das pessoas – e não apenas o meio ambiente. Para isso, é preciso uma narrativa política que proponha a superação da adversidade e não o ressentimento e o medo. Os consultores acreditam que, com a nova narrativa, um massivo programa de investimentos em energias limpas e o aumento da prosperidade econômica em países como China, Índia e Brasil, a humanidade será capaz de superar o desafio.

“Ao promover a verdade inconveniente de que os homens precisam limitar seu consumo e sacrificar seu modo de vida para evitar que o mundo termine, os ambientalistas estão não só promovendo uma solução que não funciona, estão desencorajando os americanos de ver as grandes soluções. Para que o pensamento dos americanos



seja expansivo, generoso e orientado para o futuro, eles precisam se sentir seguros, ricos e fortes”, escreveram.

Vários ambientalistas e ativistas responderam aos ataques de Shellenberger e Nordhaus e os acusaram de ignorar a história do ambientalismo e semear a discórdia em um momento em que os movimentos progressistas desesperadamente precisam de união. A crítica mais contundente, entretanto, é a mesma feita a Adam Werbach: a solução do problema não pode ser orientada pelo mesmo pensamento que o criou. Ao rejeitar as verdades inconvenientes em relação à necessidade de parcimônia no uso dos recursos naturais, o que consequentemente impõe limites, os consultores escolhem uma nova pintura – será ela azul? – e não a transformação do modelo.

Para Carl Pope, diretor-executivo do Sierra Club, Shellenberger e Nordhaus construíram um “espantalho” – a visão das fraquezas do ambientalismo – apenas para desmontá-lo depois. Em resposta à declaração de morte do ambientalismo, Pope lembrou o sucesso no combate à poluição nos anos 60 e 70, à energia nuclear nos anos 80 e à disseminação dos organismos geneticamente modificados nos anos 90. Admitiu que o ambientalismo sistematicamente encontrou dificuldades depois disso, mas destacou que o mesmo ocorreu com os movimentos sindicais e de justiça social.

Ao tratar do tema preferido de Shellenberger e Nordhaus, o aquecimento global, Pope pôs o dedo na ferida. As mudanças climáticas diferem de outros problemas ambientais que o movimento atacou no passado, pois exige a visão ampla de uma nova ordem econômica, escreveu ele. “Um exemplo impressionante de uma estratégia para transformar o debate sobre o aquecimento global usando uma forma diferente, mas totalmente familiar, de defesa ambiental seria aplicar o princípio de ‘poluidor-pagador’. Dessa perspectiva, em seu cerne, o debate sobre o aquecimento global não é complicado. É simplesmente muito difícil porque é sobre quem vai pagar.”

P22

A CAIXA INVESTE EM SUSTENTABILIDADE PORQUE ACREDITA EM UM FUTURO MELHOR PARA O NOSSO MUNDO.

Imagens do Programa CAIXA Milhares Práticas em Gestão Local



A CAIXA é reconhecida por sua vocação socioambiental. Por isso, desenvolve produtos e serviços que contribuem para a melhoria da qualidade de vida da população, com inclusão social, uso sustentável dos recursos naturais e preservação ambiental. Além de implantar atitudes sustentáveis, a CAIXA também investe em projetos socioambientais. Em 2008, foram mais de R\$ 2,7 bilhões em contratos e aproximadamente 1,4 milhões de pessoas beneficiadas com projetos de saneamento, retirando das situações de risco as famílias que viviam em locais que não oferecem qualidade de vida e ainda prejudicavam o meio ambiente. Neste ano, R\$ 13 bilhões foram investidos em habitação, garantindo a um milhão de pessoas a tão sonhada casa própria. A CAIXA acredita em um futuro melhor; mas, para isso, é fundamental que cada um de nós faça a sua parte e cuide do que é nosso. **CAIXA. O banco que acredita nas pessoas.**



Devagar e sempre

De bicicleta, caiaque ou a pé, as imagens nestas páginas demonstram como enriquecer a experiência de uma jornada |

FOTOS **Ignacio Aronovich**

É consenso entre os viajantes de carteirinha que o caminho é mais importante que a chegada. Ignacio Aronovich percorreu o mundo como fotojornalista e, ao presenciar uma expedição de jipes se aproximar de um vilarejo, na Bolívia, teve o *insight*: "Parece um exército invasor". Assim, ele e a esposa decidiram viajar ao menos uma vez por ano usando veículos não motorizados. Seguem então o passo vagaroso, integrando-se à paisagem e entregando-se à contemplação, como no Glacier Bay National Park, Alasca (*fotos acima*). "Quando nos aproximamos de caiaque ou mesmo a pé, ninguém nos vê como algo agressivo ou ameaçador, nem as pessoas nem os animais", diz o fotógrafo.

Cidade de Uyuni, sudoeste da Bolívia ▼



▲ Montanha de Chacaltaya, a caminho de La Paz

Descida do Vulcão
Cotopaxi, no Equador ▶



Dunas de Sossusvlei, na Namíbia ▼



Trilha do Ouro na Serra da
Bocaina, Rio de Janeiro ▶



POR **Ricardo Barretto** FOTOS **Fernando Gardinali**

Derretendo o silêncio

Sem gráficos, números nem discurso científico, um xamã do povo Eskimo-Kalaallit, da Groenlândia, lança mão da espiritualidade para mostrar como o modo de vida no Brasil influencia a vida no Ártico

Deslocamento é palavra-chave que acompanha a mensagem do velho Angaangaq, xamã do povo Eskimo-Kalaallit, moradores da Groenlândia. Desde que iniciou sua peregrinação pelo mundo em 1978, alertando a humanidade sobre o gelo que derrete no pólo, ele esteve com chefes de Estado, empresários importantes, pesquisadores, professores, estudantes, ambientalistas. Para todos, a mensagem é uma só: os pólos derretem porque o gelo nos corações é cada vez maior.

No auditório da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo, no dia 13 de agosto, Angaangaq repetiu diversas vezes que havia se deslocado 17 mil quilômetros para estar ali. Mais do que a distância física, queria vencer a distância até o coração das pessoas. Para isso, trouxe uma mistura de ambientalismo e espiritualidade, incomum para o público acostumado ao discurso científico que envolve o tema do aquecimento global. Havia mesmo um estranhamento no ar durante sua apresentação, em que fez uma palestra e promoveu um breve ritual de cura, com cantos, um instrumento de percussão e penas de águia.

Para facilitar a conexão com quem vive abaixo da latitude 66°33'39" norte, Angaangaq usa seu apelido: *Uncle*, referência em inglês ao significado de seu nome nativo – “o homem que se parece com seu tio”. Em entrevista a PÁGINA 22, ele conta que a intenção da aproximação é evidenciar o laço que está frouxo, fundamental para reverter a degradação do planeta e da humanidade. Mas não sem um quê de provocação, ao mostrar que,

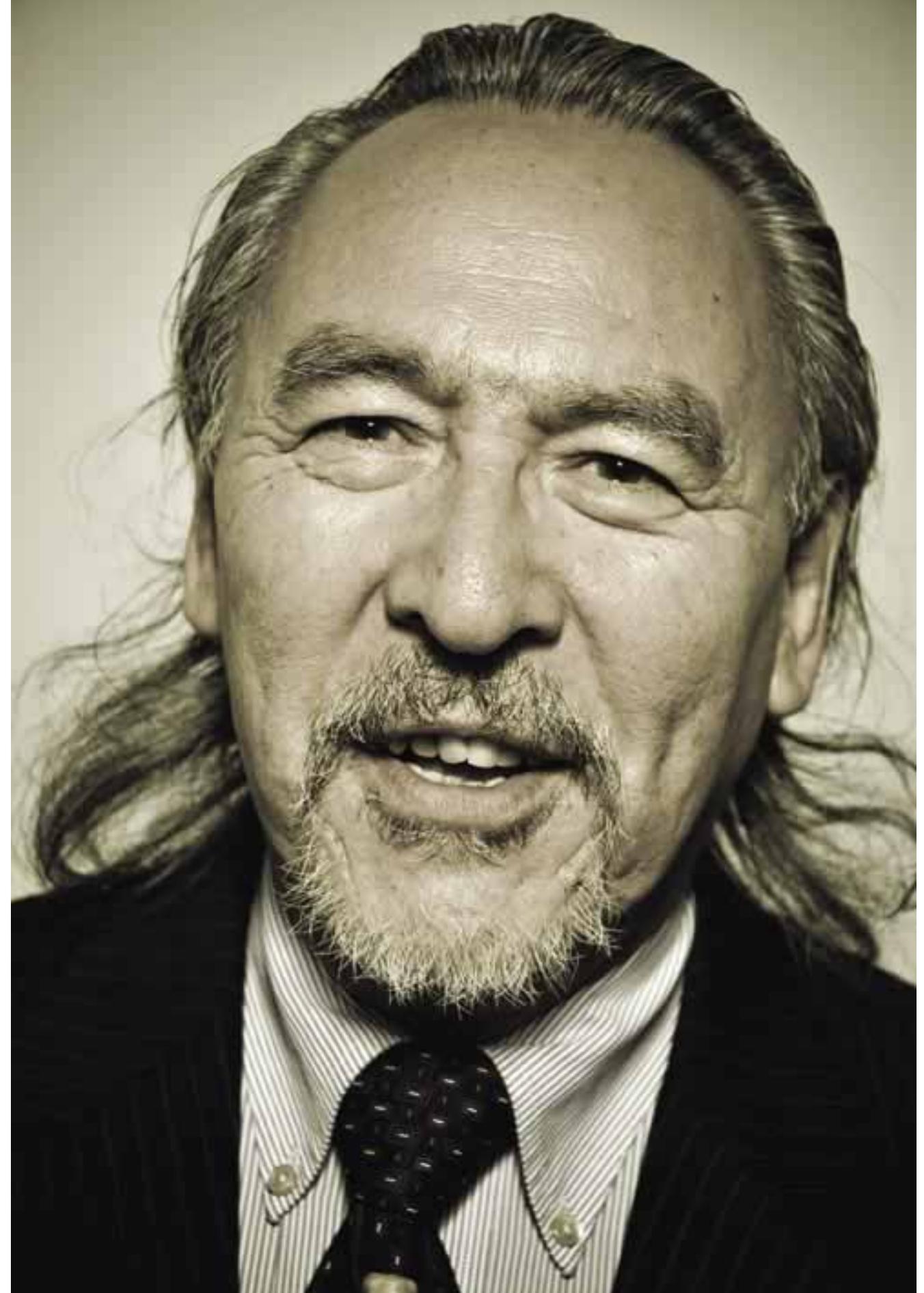
como vizinhos que desrespeitam o espaço alheio, o que fazemos nas zonas temperadas, tropicais e subtropicais afeta diretamente a vida nos pólos.

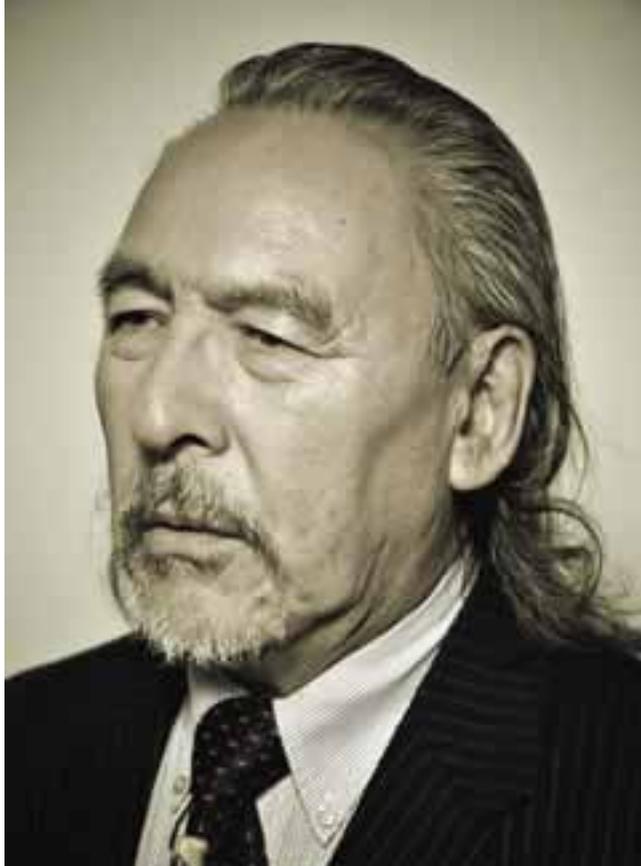
Borracha no gelo

“Não sei se vocês sabem que na minha terra temos um Grande Gelo (*Big Ice*). É uma montanha de gelo. Antigamente tinha mais de 5 quilômetros na base. Agora, apenas 2,4. Tudo isso por causa do modo como se vive em São Paulo. Ele não é mais sustentável.” Angaangaq é sempre direto ao usar referências locais para falar das causas do problema, e dá exemplos que mostram que o impacto do modo de vida contemporâneo sobre o Ártico vai além do aumento do efeito estufa.

“Os pneus dos carros liberam pedaços de borracha no ar, que são levados pelos ventos até o pólo. Essa borracha, depositada no gelo, causa um grande derretimento”, contou, sem as explicações técnicas que normalmente abundam em um auditório de um centro de pesquisa. E, enquanto a platéia monta o filme desse deslocamento de partículas de borracha do asfalto até o gelo, *Uncle* fala de referências mais conhecidas: “O gás liberado pelo ar condicionado destrói a camada de ozônio e também derrete o gelo, formando grandes lagos onde eu moro”.

As mudanças que o excesso na produção e no consumo mundo afora causa no Ártico fazem parte da história recente dos esquimós. “Em 1963, um grupo de jovens viu que estava caindo





água de uma altura de 700 metros na parede do Grande Gelo. Fazia 30 graus negativos há três meses. Tudo deveria estar sólido. Eles contaram para os velhos, que acharam que eles tinham bebido. Mais tarde os velhos comprovaram que a água estava mesmo caindo. Agora esse grande gelo encolheu e em algumas partes têm apenas 100 metros de altura e não mais 1.500 metros.”

Dos anos 1960, para cá, coisas estranhas vêm ocorrendo na Groenlândia. “Agora, em 2008, a temperatura à noite chegou a 18 graus por sete dias”, disse Angaangaq. “Quando chegamos em 4 graus, já achamos muito quente, tiramos os agasalhos. Isso está acontecendo ao Norte do Círculo Polar Ártico! A água está vindo tão rápido que pessoas que vão visitar o gelo morrem em acidentes, porque o chão se torna muito escorregadio.”

Os poucos que vão conhecer a realidade dos povos que moram no gelo não conseguem mudar a atitude da sociedade global e seu impacto local. Mesmo os ambientalistas, com as boas intenções de proteger a sofrida fauna do Ártico, têm sua parcela de responsabilidade, na visão de Angaangaq. “Nossa comida vem das focas, das belugas, dos ursos, dos peixes. Sabe por quê?

“O problema vai muito além de salvar a foca bonitinha. Não podemos fazer uma lei só para a foca, a lei tem que ter sentido para todos”

Nada pode ser cultivado na minha terra, coletamos algas e o resto tem que ser caçado. Mas a Europa não quer que eu cace focas. Eles querem que eu importe e coma o porco deles, produzido a milhares de quilômetros. Eu não posso. Meu sistema biológico não é para isso.” Os esquimós fazem parte da cadeia alimentar, lembra Angaangaq. “O problema vai muito além de salvar a foca bonitinha. Não podemos fazer uma lei só para a foca. Temos que fazer leis que tenham sentido para todos.”

Árvore no Brasil, iglu no Ártico

Faz pouco sentido, na visão de Angaangaq, cultivar batatas no Norte da Groenlândia – possível graças às recentes alterações de temperatura e cobertura de gelo. Também não parece racional gastar milhões para deslocar vilas que começam a afundar com o derretimento do gelo. Ou depender apenas de ações na Justiça para compensação pela poluição causada por empresas de petróleo, caso da comunidade de Kivalina, no Alasca.

“É fundamental que a gente encontre novas formas de fazer as coisas. A questão não é que eles tragam dinheiro para nós, mas que eles tiraram dinheiro de nós. O dinheiro tem um ciclo contínuo, não pode ter só um sentido, tem que circular, senão alguns ficam muito ricos e outros muito pobres.”

Para evitar o derretimento no Ártico, é necessário que a intensidade da mudança seja bem maior do que acontece atualmente, defende Angaangaq. “As empresas me garantem que cortam árvores de maneira sustentável. Mas quantos milhões ainda são

cortados de modo ilegal? Toda vez que se corta árvore no Brasil, aumenta o aquecimento global e mais esquimós não poderão montar seus iglus, porque a neve fica muito mole, molhada.”

E por isso ele se desloca quilômetros e quilômetros para conscientizar e incentivar a participação e a pressão democrática por novas políticas. “As pessoas do governo não são diferentes de nós. Se os governos não estão mudando, isso mostra que as pessoas também não estão mudando. Mas, se as pessoas sentem que o governo não toma iniciativa, elas devem fazer por si. A apatia não tem mais lugar. A ignorância não pode mais ser uma desculpa. É nossa vez de tomar a iniciativa.”

Sem números nem gráficos ou discurso científico, ele lança mão da cultura. “Um xamã é um curador que não usa pílulas, mas outros recursos, como música, canto, penas de águia, para atingir o coração, e não a mente. É preciso alcançar e elevar o espírito do homem para a mudança.” É a espiritualidade que conecta o homem ao seu meio ambiente, acredita o esquimó, pois ela nos faz conhecer uns aos outros e perceber que não somos tão assustadores, que podemos fazer as coisas de outro modo.

Indagado sobre como operar a mudança interna às pessoas, Angaangaq mais uma vez recorre ao conhecimento tradicional. “Se você perguntar aos velhos, eles dizem que é muito fácil derreter o gelo no chão. Basta pôr a mão no gelo por alguns segundos e lá estará a marca. Mas derreter o gelo no coração é mais difícil. Precisamos olhar nos olhos um do outro, e tocar o coração um do outro e aprender a confiar um no outro novamente.” **P22**



ECO Business Show 2008

A better world to live

A ECO BUSINESS SHOW nasce com o objetivo de reunir as lideranças dos principais mercados a fim de promover a sustentabilidade e fomentar o econegócio, antecipando a lucratividade das empresas no processo de evolução para o futuro dos negócios.

Patrocinador
BRACOR

Agência de Turismo Oficial
 Via HG Turismo

Transportadora Aérea Oficial
TAM

Rede Hoteleira Oficial
ATLANTICA

Apoios

Imprensa Técnica
 água, ECO-21, sustentável, 22, germeat, ALCOOL, PETRO & QUÍMICA, Ambiental, Bioalco, CIDADES

Organização e Promoção
 mes

www.ecobusinessshow.com
 24 a 27 de novembro de 2008
 Centro de Exposições Imigrantes
 Maiores informações:
 (55 11) 3083-2166 e 3061-9866
 contato@ecobusinessshow.com



Ecoassombração

O medo e a culpa pela crise ambiental global já viraram caso para o divã. PÁGINA 22 propõe uma investigação psíquica para iluminar as alternativas transformadoras entre a alienação e o catastrofismo | **POR Carolina Derivi**

Nos EUA, a ecoansiedade virou síndrome de ambientalistas atormentados. A idéia de perda do mundo remete à própria morte humana, diz psicóloga

Quando Christopher McCandless se formou em História e Antropologia na Emory University, no estado da Geórgia (EUA), seus planos não incluíam iniciar uma carreira ou constituir uma família. Em lugar disso, o jovem de 21 anos doou todo dinheiro que tinha para instituições de caridade, literalmente queimou os trocados que restavam, e lançou-se em uma jornada para viver longe da civilização.

Trabalhava quando necessário, mas na maior parte do tempo viveu do que a natureza oferecia em cavernas e acampamentos improvisados. Em busca do isolamento absoluto no ambiente selvagem, chegou até as montanhas do Alasca, onde morreu de fome, dois anos após o começo de sua viagem. McCandless tornou-se um símbolo da inconformidade com os valores da sociedade capitalista, graças a Jon Krakauer, que conta sua história no livro *Into the Wild*, e ao filme homônimo de Sean Penn.

McCandless morreu em 1992. Fosse 2008, é bem provável que as especulações sobre os motivos de sua escolha incluíssem também o diagnóstico tardio de ecoansiedade. No país do consumismo e o maior poluidor do mundo, a nova síndrome virou alvo de inúmeros debates e reportagens. Trata-se da crise de ansiedade desencadeada pela consciência dos rumos da civilização, dos impactos ambientais decorrentes da lógica de produção e consumo, da perspectiva apocalíptica das mudanças climáticas e da parcela inafastável de responsabilidade que recai sobre cada ser humano.

Bastou passar por uma banca de jornal e deparar-se com a manchete da revista *Time* sobre o aquecimento global – “Be Worried. Be very worried” –, para que a jornalista Liz Galst tivesse um crise de tremedeira, suor e palpitações. Sua busca por redenção e respostas transformou-se na reportagem de capa “Eco-Anxiety”, na revista *Plenty*, publicada em 2006. Em um vídeo disponível no portal YouTube, um “ecoansioso” participa de uma dinâmica de grupo organizada por uma “ecoterapeuta”, durante a qual declara, mortificado: “Não consigo mais viver sabendo que estamos mantendo a nossa mãe”, referindo-se ao planeta Terra.

A discussão desse fenômeno pode até soar a invencionisse, principalmente na esteira da moda de associar o prefixo “eco” a todo tipo de conceito. Mas, tenha o nome que tiver, esse tipo de reação extremada pode facilmente acometer ambientalistas de plantão em outros cantos do mundo, inclusive no Brasil. Suas

causas estão disseminadas e supostamente residem na profusão de informações ambientais, por vezes catastróficas e, noutras vezes, contraditórias.

“Quando vejo cada vez mais os meus pacientes decididos a não terem filhos porque não sabem o que vai ser do mundo, imagino que as pessoas estão realmente sob grande pressão”, conta a psiquiatra Ana Paula Carvalho.

Nessa toada, as boas intenções podem acabar tendo o mesmo fim simbólico de McCandless, isoladas e sem esperança. Como diz Al Gore no filme *Uma Verdade Inconveniente*, algumas pessoas passam diretamente do estágio da negação da crise ambiental global para o de paralisante desespero. Como fazer com que as pessoas estacionem em um meio do caminho que represente atitudes produtivas e inovadoras pode ser a pergunta do século.

O fim está próximo

Em artigo publicado na *Folha de S.Paulo*, em 2003, o psicanalista Contardo Calligaris especula sobre as motivações psíquicas do movimento ambientalista. Ele expõe a aparente contradição entre o desejo de transformação e o de perenidade: “Acreditamos em nossa capacidade de transformar o mundo. Mas essa fé convive sempre com a nostalgia do Cosmos imutável, ordenado pela bondade divina ou pela sabedoria da própria natureza”. Passando pelo suposto narcisismo, segundo o qual somos a única espécie capaz de colocar o bem-estar de todas as demais acima de nossos próprios interesses, Calligaris conclui que nossa inquietude diante da fragilidade dos sistemas naturais está relacionada com a incapacidade de enfrentar e aceitar a nossa própria mortalidade.

Se a premissa estiver correta, associar a mensagem socioambiental com a idéia de fim dos tempos pode torná-la um tabu, assim como a finitude da vida humana. “Observe que é da nossa cultura afastar do convívio social as pessoas que estão morrendo ou estão muito doentes. Se não conseguimos

nem lidar com a morte cotidiana, como vamos lidar com a sensação de perda do mundo?”, questiona Marisa Moura Verdade, doutora em psicologia do desenvolvimento humano e pesquisadora na área de psicologia da morte.

Um vídeo produzido pelo Greenpeace, em que aparecem imagens de desastres provocados pelas mudanças climáticas ao som de *What a Wonderful World* e a mensagem “Lembra quando a sua geração queria mudar o mundo? Parabéns! Vocês conseguiram”, pode ser um soco no estômago. Mas será também um motor de transformação?

Para Cristina Carvalho Pinto, uma das mais respeitadas publicitárias do País e fundadora da agência especializada em mercado ético, a Full Jazz, a resposta é taxativa: “Todo catastrofismo é anti-sustentabilidade. Não é possível construir nada sem uma visão positiva do mundo”. Cristina é crítica feroz desse tipo de estratégia, mas é também propositiva. Sua idéia de eficiência para a comunicação da sustentabilidade consiste na prática ancestral de contar histórias.

“Você já se perguntou por que as telenovelas têm a maior audiência do horário nobre?” Ela mesma responde: “Porque nos ajudam a rever a nossa própria existência através das histórias de terceiros. É um processo empático. Eu imediatamente entro numa conexão muito além do racional”. Como exemplo de uma boa história, ela cita a guinada do magnata do petróleo T. Boone Pickens.

Depois de enriquecer espetacularmente com a exploração de combustíveis fósseis no Texas, Pickens foi ao Congresso americano no final de julho para apresentar um plano de substituição da matriz energética nacional por fontes renováveis – pela encomenda do

Para decidir a melhor conduta é preciso grande capacidade analítica, algo

difícil quando tantas informações são fragmentadas e até contraditórias

plano pagou US\$ 50 milhões, e mais US\$ 8 milhões na maior fazenda de energia eólica do mundo, com previsão de entrada em funcionamento para 2014. “São essas histórias que precisam aparecer. Precisamos inspirar as pessoas, e não aterrorizá-las”, diz Cristina.

Segundo Ana Paula, o sentimento de culpa raramente produz atitudes construtivas: “A culpa geralmente entra num ciclo vicioso em que a pessoa repete o comportamento exatamente por se sentir impotente diante do que está causando esse sentimento”. A psiquiatra compara o catastrofismo ambiental com as antigas campanhas de combate ao uso de drogas, na época em que reinava o bordão “A Droga Mata”.

“Quando o adolescente usa a droga, ele percebe que não morre. Da mesma forma, uma pessoa que toma um banho de duas horas não sente o impacto ambiental daquela atitude. Educar é melhor que convencer”, reflete.

Penso, logo desisto

O assistente editorial Bruno Correia considera-se imune aos efeitos dramáticos das campanhas socioambientais. “Eu fico sabendo dos números do desmatamento na Amazônia, mas é uma coisa tão grande que eu não consigo compreender. Nunca estive na Amazônia e também nunca estive nas geleiras que estão derretendo.” Mesmo assim, fica consternado ao constatar o enorme volume de papel que vai para o lixo na empresa onde trabalha. Abriu mão do carro para andar de ônibus, só compra os produtos eletrônicos mais econômicos e trocou todas as lâmpadas incandescentes da sua casa pelas fluorescentes. Esta última atitude lhe rendeu uma decepção, quando descobriu que as novas lâmpadas contêm elementos tóxicos que podem ter mais impacto ambiental na hora do descarte.

“Eu achei que estivesse ajudando. Agora fiquei mal com isso, não sei o que fazer”, lamenta. O testemunho de Bruno é bastante significativo para duas questões centrais no debate sobre a sensibilização do público para a causa ambiental. A primeira diz respeito ao esforço de abstração para vincular ações do cotidiano aos impactos no meio ambiente distante, assim como para incorporar a noção de que habitamos um complexo sistema chamado planeta. “É uma abstração muito grande, eu sou habitante de um pedacinho só desse planeta. Ver o mundo como a casa da humanidade é muito difícil”, considera Marisa.

A segunda questão é a responsabilidade de trabalhar com uma quantidade enorme de informações, que raramente são conclusivas, como o caso da escolha das lâmpadas. “Se por um lado a gente tem que ter consciência, a gente também tem que ter em mãos a possibilidade de executar isso com o mínimo de trabalho”, reivindica Bruno.

Para Eda Tassara, coordenadora do Laboratório de Psicologia Sócio-Ambiental e Intervenção (Lapsi), da USP, a humanidade armou sua própria arapuca quando se afastou do pensamento integrado humanístico que formou alguns dos maiores pensadores até o fim do século XIX, para criar uma lógica cada vez mais fragmentada e massificada, ao passo que a

realidade humana se tornou continuamente mais complexa.

“É uma dificuldade, porque requer um pensamento sistêmico. E, hoje em dia, quem é que tem esse tipo de formação? As informações recebidas são episódicas e fragmentadas. É preciso inserir isso num contexto de continuidade, mas falta instrumental analítico às pessoas”, explica. Para ilustrar sua idéia, Eda abre um precedente como psicóloga e narra seu próprio sonho recorrente: ela tenta se comunicar com alguém, mas não lembra o número de telefone, ou lembra, mas o celular está desconectado, ou está fora do País e quer voltar, mas não encontra o passaporte. “Isso é um eco do mundo contemporâneo, onde você sabe que não consegue mais ter o controle da sua existência na amplitude das informações que recebe”, interpreta.

A força do hábito

Carlos Aymar encontrou sua própria resposta para esse mal-estar na forma de uma mudança radical. No começo dos anos 1980, abandonou o curso de arquitetura em São Paulo e mudou-se para a Praia de Barra do Una, no município de São Sebastião, à época com apenas 300 habitantes. Atualmente, orgulha-se do fato de que da sua casa “não sai lixo”. O que é orgânico vai para o quintal, o que é seco vai para a coleta seletiva, garantida pela prefeitura.

Quando questionado se os moradores dos grandes centros urbanos têm as mesmas oportunidades que ele para uma vida mais sustentável, Carlos diz que não: “O diferencial é que, na grande cidade, já tem tudo modelado. Eu aqui ainda vejo a possibilidade de novos rumos de desenvolvimento”. Mesmo assim, ele cobra a responsabilização dos indivíduos, onde quer que morem: “Eu não dependo do mercado. Se eu não quiser, eu não peço a sacolinha de plástico no supermercado. É uma questão de postura”.

A postura a que ele se refere abarca necessariamente a mudança de hábitos, algo que 9 em cada 10 pessoas consideram uma missão penosa. Mas por que, afinal, é tão difícil alterá-los? Em *Humano, Demasiado Humano*, Nietzsche define o “costume” como a junção do agradável ao útil: “O usual faz-se mais facilmente, melhor, portanto, com mais agrado, sente-se nisso um prazer e sabe-se, por experiência, que o habitual deu bom resultado”.

Segundo Ana Paula, o cérebro humano é pro-



Consumidor na berlinda: ao mesmo tempo súdito e soberano do mercado.

Segundo socióloga, o melhor antídoto para o desânimo é "coletivizar-se"

gramado para economizar energia, graças a uma resposta adaptativa que não evoluiu desde os tempos das cavernas. Quando se incorpora um hábito, o cérebro decora aquele comportamento e, ao reproduzi-lo no modo "piloto automático", economiza energia. Alterá-lo implica, portanto, um desgaste mental.

"Toda mudança gera estresse, mesmo que seja uma coisa boa, como o nascimento de uma criança, por exemplo. Quando se muda alguma coisa, o que mais tem é reclamação", diz a psiquiatra. Se tomarmos como certas as duas explicações, a médica e a filosófica, veremos que a escolha individual se coloca entre o prazer e o estresse. Não exatamente um dilema.

Alheio a essa divagação, o jornalista Iberê Thenório fundou em 2007 o blog Atitude Verde para propor um desafio: demonstrar que seria possível viver uma vida 100% sustentável de uma forma 100% agradável. A tese ainda não se confirmou na prática. "Eu queria parar de usar o carro, o elevador, de comer carne... Mas vi que daria muito trabalho e que o melhor era descobrir as soluções aos poucos e ir colocando no blog", revela.

Felizmente há outros determinantes para o comportamento humano, além do eventual prazer proporcionado pela estagnação. "Separar lixo, por exemplo, dá trabalho. Evitar agrotóxicos, transgênicos, dá trabalho. Mas, dependendo da forma como isso é encarado, pode também ter o prazer", diz Iberê. Para ele, a motivação está mais em propagar uma cultura de sustentabilidade do que no efeito prático de suas ações individuais, como a energia elétrica economizada ou o aparelho eletrônico que deixou de ser comprado. "Para mim, mais importante que a mudança de comportamento é a mudança de mentalidade", conclui.

Agenda 21 da cozinha

Se é verdade que a ideia da sustentabilidade no cotidiano pode ser confusa ou, até mesmo, contraditória, ao menos uma mensagem parece emergir de maneira bastante clara: é preciso reavaliar as práticas de consumo e a direção é a parcimônia. É algo que não se resolve apenas com a escolha de "produtos verdes" ou com práticas facilitadas de compensação, como a neutralização de carbono. Como aponta Iberê, tão ou mais importante que as emissões evitadas ou a garrafa pet reciclada é a oportunidade de renovar uma lógica cultural que dá sentido ao consumo.

O resultado é que o consumidor - talvez até mais que o cidadão - entrou para o centro desse debate, transformado ora em súdito do mercado, porque estaria refém do que as empresas oferecem, ora em soberano, porque teria condições de mandar e desmandar no mercado com o poder da própria carteira.

Em seu livro *Consumo "Verde", Democracia Ecológica e Cidadania: Possibilidades de Diálogo?*, a socióloga Fátima Portilho chama esse processo de "ambientalização do cotidiano" ou "agenda da mesa

da cozinha" - o momento em que o tema ambiental transcende a alçada dos partidos políticos, do Estado e das empresas e passa a se instalar também na esfera individual.

Para Fátima, essa é a forma de materializar e dar concretude aos novos valores, o que atribui ao ato de comprar uma nova função ética e política. Mas, assim como o velho consumismo, associado a conotações pejorativas como alienação e individualismo, a nova variante também se presta à distinção social.

"Consumir não é uma prática individualizada, é sempre relacional", diz a socióloga, "A cada vez que pratico o consumo consciente, eu me sinto parte de um todo, até de uma comunidade imaginária. Quanto mais eu me sinto parte da causa, mais eu sinto que as minhas ações são importantes."

A outra face da mesma moeda seria a sensação de isolamento. Desguarnecidos desse senso de coletividade, alguns consumidores podem desconfiar de que suas escolhas não passam de ação marginal ineficaz, diante da ação contrária da maioria. Para esse tipo de crise, o antídoto recomendado por Fátima é "coletivizar-se": "Trocar com os vizinhos, organizar um grupo no bairro, escrever para o jornal... No Rio de Janeiro, por exemplo, temos as redes ecológicas que são cooperativas de consumidores que compram produtos orgânicos, evitando os atravessadores. No fundo, a ideia de 'cada um faz a sua parte' é muito legal, mas pode ser bastante desanimadora também".

Tão importante quanto coletivizar, segundo Fátima, é a co-responsabilização dos diferentes atores. "Essa 'culpabilização' exclusivamente para o lado do consumidor é extremamente problemática e ineficiente, porque é limitada". Admitir que o consumidor não tem o condão de mudar o mundo sozinho é também empoderá-lo para cobrar de empresas e governos as reformas sistêmicas necessárias.

Em última análise, todos esses caminhos fazem parte de um processo paulatino, que requer paciência e criatividade. São virtudes que dificilmente despontam num ambiente de medo, emoção que convém mais à impulsividade e à irracionalidade. Talvez por isso, a publicitária Cristina Carvalho Pinto tenha resumido a questão nessa única ideia: "Sustentabilidade é tema para os corajosos de primeira linha". **P22**

Um lugar na Terra

Agir como se ações individuais fizessem a diferença vai muito além de compensar emissões de gases de efeito estufa. Como na infidelidade conjugal, é preciso discutir a relação

O mundo está ficando cada vez mais complicado, especialmente para quem anda preocupado com o mundo. O aquecimento global, grande desafio da atualidade, escancara a responsabilidade de cada um em relação às mudanças climáticas. Na tentativa de redimir nossa parcela de culpa e, quem sabe, assegurar um lugar no céu, o mercado nos dá uma mãozinha.

Esqueça a loira de curvas acentuadas. Na Inglaterra, o apelo dos novos anúncios de carros é estampar a quantidade de carbono que tal modelo emite em comparação com os concorrentes, ou detalhar as vantagens dos novos híbridos. Para os carros grandes e potentes, campeões de emissões, é oferecido um “acessório” aos consumidores potencialmente – ou pretensamente – conscientes: as emissões dos primeiros x mil quilômetros são compensadas pela montadora. Ou seja, alguém, em algum lugar, recebe dinheiro para não emitir carbono.

E as indulgências que o mercado oferece não param por aí. Vai passar o fim de semana em Barcelona? Na British Airways,

basta um clique, 5 libras a menos em sua conta, e pronto – você está absolvido! É possível também compensar as emissões da sua nova prancha de surf, do seu tratamento dentário e até de um ente querido que morreu com a “redenção” retroativa de uma vida inteira de pecados carbônicos.

A Carbon Neutral (www.carbonneutral.com) oferece uma lista de casamento inusitada: você escolhe a árvore que quer plantar na “floresta” dos noivos. E que tal presentear um amigo com um “vale-dia de carbono neutro”? Ele ganha o “certificado” de que, em tal dia, todas suas emissões terão sido compensadas. Graças a você.

As dores da traição

O controverso filósofo esloveno Slavoj Žižek chama a sociedade atual de “descafeinada”, em alusão ao fato de que tiramos dos produtos que consumimos suas substâncias nocivas, para seguir consumindo – livres de pecado – o café sem cafeína, o creme de leite sem gordura, a cerveja sem álcool.

Para Žižek, a “crença descafeinada” não ofende ninguém e nem mesmo precisamos estar totalmente comprometidos com ela. “Não se trata mais da antiga noção de medida certa entre prazer e temperança, mas a coisa que é prejudicial já deve conter em si o remédio para os males que causa. Não nos dizem mais ‘beba café, mas com moderação’, agora é ‘beba todo o café que



quiser, pois o café já está descafeinado”, escreve o filósofo. Tal comportamento nos permitiria seguir vivendo a vida que desejamos, sem incorporar as conseqüências negativas desse modo de vida.

O problema dos excessos do mercado de carbono passa não apenas pelo desestímulo a alterações mais profundas no nosso padrão de vida, mas também pelas incertezas enormes que o próprio mercado enfrenta – e que não necessariamente transmite ao consumidor.

Uma crítica inteligente – e bem-humorada – ao esquema de compensações de carbono pode ser encontrada no site

CheatNeutral (www.cheatneutral.com). A página inicial resume o “serviço” oferecido: “Quando trai seu parceiro, você aumenta o ciúme e a dor na atmosfera. Mas você pode compensar sua infidelidade, financiando alguém a ser fiel e não trair. Assim, você neutraliza a infelicidade que levaria ao mundo e fica com a consciência tranqüila!”

Além de uma grande brincadeira, o site é uma alfinetada, pois instiga paralelos entre os dois esquemas.

Primeiro, a existência de um esquema para compensar a infidelidade não só torna aceitável ser infiel, como pode incentivar as pessoas a trair mais em vez de buscar outras soluções para seu relacionamento afetivo. Esquemas de compensação de carbono, além de tornarem “aceitável” emitir carbono, podem estimular os indivíduos a emitir mais em vez de buscar outros modos de vida e repensar sua relação com os combustíveis fósseis.

Em segundo lugar, compensar a infidelidade não reduz, na prática, a ocorrência de traições no mundo. Mesmo que eu compense minhas emissões e alguém deixe de emitir carbono do outro lado do planeta, a atmosfera ainda estará recebendo gases de efeito estufa – a conta final não é zero.

Por fim, da mesma forma que é praticamente impossível quantificar o estrago e a dor que alguém traído sofre, há sérias divergências sobre as formas de calcular as emissões ou o seqüestro de carbono – especialmente aquelas decorrentes da plantação de árvores.

Finja que funciona

As críticas fazem pensar, mas uma coisa é certa: é melhor compensar do que ignorar nossas emissões. Apesar das incertezas e dos abusos que cercam o mercado, o ato é relevante. Ações individuais, ainda que simbólicas, podem ser o motor propulsor para mudanças maiores, mais radicais e efetivas. “Às vezes precisamos agir como se nossas ações fossem fazer diferença, mesmo quando não sabemos ao certo se vão mesmo fazer”, diz Michael Pollan, colunista do jornal britânico *The Guardian*.

Para um desafio da proporção do aquecimento global, alterações no nosso estilo de vida fazem, sim, diferença. Mas não podem se limitar a ações ao alcance de um clique e alguns trocados. Elas passam por uma mudança de paradigma da sociedade, que só acontecerá com ações individuais intermediadas por muita reflexão, discussão e ações coletivas. A mera compra de indulgências não nos redimirá de nossos “pecados”. Muito menos garantirá nosso lugar na Terra. P22

* mestre em desenvolvimento e meio ambiente pela London School of Economics and Political Science

** a colunista Regina Scharf está de licença



Artigo raro em Cuba, variedade é o que os *bloggers* buscam com a batalha silenciosa à base de palavras e *links*

POR Ana Cristina D'Angelo

FOTOS Paulo Fehlauer

Cubanía libre

Os cubanos descobriram no universo digital um atalho para diminuir a distância imposta pelo regime de Fidel Castro. Encontraram-se os que vivem dentro e fora da Ilha. Com a *blogostroika*, compartilham reminiscências, música, receitas, críticas literárias, fotos. Acima de tudo, o desejo de liberdade de expressão

Pablo é um intelectual cubano de renome, mas muito acomodado. Pablo vive em Havana. Sara é uma profissional da informática de ponta. Sara vive em Miami. Os dois tiveram uma conturbada relação de muitos anos e se reencontram acidentalmente em uma troca de correio eletrônico que vai se prolongando e reflete o conflito existente entre os dois países e as frustrações e tormentas de uma relação marcada pelo destino político. A novela já está no capítulo 63 e segue repleta de comentários de leitores cubanos, americanos, cubanos que estão na Ilha e os que decidiram partir e levaram sua cubania ainda com mais convicção.

O blog *Yo Soy Medea*, onde se pode acompanhar a saga de Pablo e Sara, é de autoria de Olga Lastra, uma cubana que saiu de seu país há 12 anos, casou-se na nova terra, tem dois filhos, ex-amores

entre os que têm o que dizer e criaram um universo digital em contraponto aos limites à expressão impostos pelo governo.

Com interesses diversos, de culinária a literatura, teatro, jornalismo a reminiscências sobre brinquedos russos da infância de muitos, a *blogostroika* cubana tomou corpo nos últimos anos. Em agosto de 2009, um grupo que se autodenomina “Bloggers por um Sonho” quer se reunir em Miami e Palma de Mallorca para ver suas caras e fomentar o debate.

Em *Cubadice*, blog feito por uma exilada na Itália, o convite é feito assim: “Convite permanente a todos os blogueiros do mundo para participar deste encontro. É somente indispensável levar no coração uma gota de amor por Cuba”.

As idéias e sonhos eles já conhecem e compartilham, alguns em maior, outros em menor velocidade. Os que estão em Cuba



Personagens de dentro e de fora da Ilha povoam a novela cubana, na blogosfera e na vida real

A peleja da informação é como a da comida que é como a do transporte.

do seu lugar de origem e o desejo de ver a liberdade de expressão no país onde nasceu. Já que não pode retornar definitivamente ao que imagina e sobre o que escreve, conduz uma luta ferrenha, uma novela, silenciosa aos olhos de um regime que usa totens, *outdoors* e eufóricas festividades para convencer da sua eficácia. Essa batalha de formiguinha, no entanto, já arrematou ao menos 20 mil outros cubanos espalhados pelo mundo, dentro de Havana e arredores. A artilharia pesada é com palavras, internet e *links* trocados

ainda cumprem a saga de freqüentar cafés ou hotéis para turistas para colocar um simples *post* em seu devido lugar, a web.

A peleja da informação é parecida com a da comida que é parecida com a do transporte. É permitido consultar correios eletrônicos e sites oficiais para a população de quase 12 milhões de habitantes. É permitido comer o que o governo estipula na cota da cesta básica e também é possível andar de um lado para outro da Ilha em ônibus caindo aos pedaços, depois de enfrentar devidamente uma fila. Para outros

tantos 3 milhões de cubanos espalhados pelo mundo, o acesso à internet é simples como o nosso, a comida é farta e o transporte, para qualquer lugar, fácil.

O que une uns e outros é a urgência de falar após quase 50 anos de silêncio. A revolução da internet chegou a essa gente com um duplo impacto. A vontade, as ganas, como dizem, é tão premente que não se fica imune às centenas, aos milhares de comentários que povoam a *blogostroika*. Os palpites acalorados refletem a separação de uma grande família, mas, acima de tudo, o

Mas a internet é uma festa em que todos querem dançar. É como ser livre

desejo de liberdade de expressão. É nesse quesito que somam forças.

Para animar a turma

A filha mais notória do movimento é Yoani Sánchez, uma blogueira cubana que ganhou recentemente um prêmio espanhol na área de comunicação, o Ortega y Gasset. Yoani foi apontada como uma das personalidades mais influentes no jornalismo digital. Sem pompa e com muita elegância e fluência, Yoani contabiliza, *post a post* em seu *Generación Y*, um

inacreditável público de mais de 3 mil visitantes por dia. O interesse são suas descrições precisas, algumas vezes ácidas, do cotidiano precário, das dificuldades de transporte ou histórias comezinhas, como a terrível impossibilidade de oferecer opções gostosas de comida para seu filho, de férias dentro de casa, ou a situação de um casarão que ameaça ruir na esquina. O nome *Generación Y* é menção direta à geração de cubanos que ganhou nomes russos, os começados por Y, quando estes eram os aliados da vez.

O episódio do prêmio concedido a Yoani colocou lenha na fogueira do ciberespaço. Fidel Castro saiu das profundezas de seu quartel e se deu ao trabalho de escrever um artigo contra a cubana mais famosa do momento. O artigo no diário oficial *Granma* considerou submissão ao imperialismo aceitar um prêmio destes. Yoani aceitou, deu entrevistas à metade da imprensa mundial, mas, no final das contas, não conseguiu arrear o pé de Havana para buscar seu galardão. As autoridades negaram-lhe permissão para ir a Madri.



A negativa e o artigo do Comandante afastado surtiram o efeito esperado. Manifestações de solidariedade e admiração para uma cidadã que não tem medo de pôr sua foto no mesmo espaço em que desvela sua cidade tal como é. E a voz de Yoani animou a turma.

Generación Asere, um grupo de sete, cada qual em um país, transformou-se numa polêmica revista de atualidades com fotos, vídeos e comentários sobre a vida em Cuba. *Penúltimos Dias*, um dos mais atualizados, fornece informações fresquinhos de Cuba desde Barcelona, onde vive

22 anos, através da mãe blogueira. Sentir que tem algo a dizer ganha conotação para além do clichê neste caso. Olga saiu de Cuba, mas sua história continuou lá. Uma pesquisa na internet, que acessa fácil e livremente de seu emprego em Miami, mostrou que não estava só. Existia a tal blogosfera cubana e, nela, desde as agruras de gente que saiu da Ilha espremida numa balsa até receita de bisteca de frazada.

Alguns relatavam suas recordações do povoado, outros publicavam a música fundamental de suas vidas, quadrinhos soviéticos, análises políticas, críticas literá-

El diversionismo ideológico faz os exilados se sentirem próximos da cubanía, a alma cubana

na sua “Ilha Infinita”. Suas regras: este é um caderno de uma habitante de Miami que crê na tolerância e aceita comentários com certa blogoética, de qualquer amigo velho ou novo, ama a polêmica e a liberdade e vai aceitar colaborações no futuro.

Na esteira do romantismo que resvala nesses sítios, Carmen é das que crêem que a blogosfera cubana resgata o que a imprensa tradicional ignorou por anos. O mito do pequeno Davi enfrentando Golias escondeu o que interessa, ela diz. “Geograficamente fora”, acredita ainda que os que estão em Cuba não necessitam ser cubanos de verdade. Precisam, primeiro, de liberdade. O que faz com que os exilados estejam mais próximos da *cubanía*, o jeito muito próprio de chamar a alma cubana.

Quem tem razão nesses espaços ou qual o final reservado para Pablo e Sara não importa. Travestidos como Medea

No espaço cibernético, vozes transformam o país calado em ilha infinita

Ernesto Hernández Busto. *Desarraigos Pro-vocados* emerge da Alemanha, onde outra jovem e inteligente cubana se empenha na esperança de manter de pé o desejado encontro dos blogueiros. Já em *Pareja No Verbal*, um sociólogo trata de que o amor sempre triunfe.

Meu mundo é o seu

Medea, ou Olga, tanto faz para ela, começou a blogar há pouco mais de um ano, em plena crise existencial. “A pior crise de meia-idade que eu já vi”, disse o filho, de

rias, pinturas, fotos de exposições de arte, instantâneos de qualquer rua de Havana, histórias de seus amores, últimas notícias do país e contos de moral duvidosa.

Este é o meu mundo – foi a ficha que caiu simultaneamente para todos eles com a possibilidade de construção de um blog. Mais que isso. A possibilidade de criação ou recriação de um país calado na rede mundial digital.

O mesmo mundo que encantou Olga foi descoberto no *El Parque Trillo*, o blog com o nome do lugar onde nasceu Carmen

ou de cara lavada como Yoani, os cubanos usufruem, como nunca, do espaço cibernético e do poder que aí exercem um indivíduo e um grupo de indivíduos. Talvez a graça esteja na ficção derramada nessas páginas, nas alegorias, e quem sabe os sonhos de liberdade de expressão nunca saiam da web. Em definitivo, a *blogostroika* mostra pontos de vista e tira a perspectiva da voz única. Carmen em seu *El Parque Trillo* diz que a internet é como uma festa em que todos querem dançar. É como ser livre.

P22

RESERVA
CULTURAL

Vários lugares em um só endereço.

“...organizado de maneira inteligente.”
Melhor Ambiente de São Paulo
no Oscar 2008 das salas de cinema do Estado de SP

Melhor Programação de São Paulo
no Raio-X 2008 salas de cinema na
Folha de SP

4 salas de cinema Stadium

**Bistrô Reserva
Bar & Lounge**

Café Pain de France

**Livraria Revistaria
Lima Barreto e DVDs**

Espaço para eventos

Avenida Paulista, 900 - www.reservacultural.com.br
11 3287-3529

Capitalismo combina com ativismo?

O livro *Os Novos Capitalistas – A influência dos investidores-cidadãos nas decisões das empresas* mostra como a diluição da propriedade das companhias e a disseminação dos fundos de pensão podem transformar a economia

Com menos de 150 anos, a moderna sociedade privada por ações é uma das criações de maior impacto na história da humanidade: provocou não apenas a cisão entre pessoas físicas e jurídicas, mas entre o capital – os capitalistas, seus recursos e empresas – e o trabalho – os trabalhadores e sua mão-de-obra.

A necessidade de atingir objetivos corporativos e financeiros justificaram a busca por brechas legais, a manipulação de balanços, a compra de influência política, a adoção de práticas trabalhistas desumanas e a agressão ao meio ambiente. Em resposta, o Estado criou normas e punições para empresas que, com objetivos de curto prazo e foco no interesse de poucos, agem de forma “amoral”. Sobre a Sarbanes-Oxley, uma das mais recentes, William Niskanen, chairman do Cato Institute, disse: “É claro que esta lei não acaba com a corrupção. Só obriga as empresas a procurar mais furos

na lei”. E assim foi no século XX: uma dicotomia aparentemente sem solução entre gananciosos e coitadinhos, o curto e o longo prazo, o lucro máximo e o bem comum.

Os autores de *Os Novos Capitalistas* – ativistas da boa governança empresarial nos EUA com larga experiência no mercado financeiro – dizem que é chegada a hora de fugir desse beco sem saída, do debate entre esquerda nacionalista e direita liberal, cheio de convicções sobre as limitações de cada lado e sem propostas integradoras.

O futuro é o mesmo

A diluição da propriedade das sociedades de capital aberto – “empresas públicas”, na acepção americana, diferente do conceito brasileiro – tornou o cidadão comum dono do capital e das empresas que o utilizam. A melhoria da renda e da expectativa de vida, além da falência dos sistemas públicos de previdência, levou ao

que Peter Drucker chamou, em 1976, de “capitalismo fundo de pensão”: resolvidas as preocupações do dia-a-dia, os trabalhadores passaram a montar fundos de investimento que garantissem sua aposentadoria. Em 2004, tais fundos – os chamados investidores institucionais – detinham quase 70% das mil maiores companhias americanas.

Os resultados de curto prazo, a qualquer preço, não condizem com a estratégia do aposentado do Arkansas ou do operário de Detroit: garantir o futuro. O novo padrão de responsabilidade exigido das empresas inclui a geração de lucros crescentes, mas também realistas e sustentados ao longo do tempo.

Um exemplo de como a pressão pode ser saudável ocorreu na General Electric em 2002: uma coalizão de fundos religiosos, com participação acionária infima, pressionou a GE por informações sobre a emissão de gases e poluição em suas fábricas. Inicialmente rejeitada pelos executivos, a proposta foi para a assembleia de acionistas, ganhou força e levou a GE a rever os processos produtivos. Foi o estopim do programa *Ecomagination*, hoje responsável por receitas de mais de US\$ 20 bilhões.

Economia civil

O capital continua sendo a força motriz. Os autores lembram que “sem lucro não há pensão”, referindo-se ao economista Milton



Friedman, que dizia que “a responsabilidade social de uma empresa é maximizar seu lucro”. No contexto anterior, do capital concentrado, a frase era tomada pelos ativistas como o mantra do liberalismo. Hoje, sabendo que o lucro pertence a milhões de investidores-cidadãos e garante sua renda futura, Friedman pode levar o crédito.

O rompimento da dualidade capital-trabalho e a evolução da sociedade civil resultam na busca por um ambiente de transparência e confiança no âmbito dos negócios, fazendo surgir a economia e a empresa civis. O novo ecossistema capitalista é sustentado por uma rede de agentes:

- Os indivíduos comuns que possuem ações e despertam para o poder de atuação coletiva – os “novos capitalistas”;
- Os investidores institucionais, incentivados a criar e administrar portfólios de forma responsável;

- Os conselhos de administração, no qual alguns desses investidores influenciam a atuação das empresas;
- As empresas e seus executivos, que adotam valores, práticas e processos lucrativos, socialmente corretos e ambientalmente responsáveis;
- Os influenciadores: órgãos de regulação, ONGs e imprensa, que monitoram o comportamento das empresas.

O maior entrave na transição para a economia civil é a falta de consciência dos investidores sobre seu poder para influir nas organizações. Ao transferir a gestão de seus investimentos a terceiros, assumem postura passiva e aguardam o retorno.

Os autores clamam por um “capitalismo ativista”, em que os agentes exigem práticas de governança e sustentabilidade e criam uma tensão saudável e integradora entre capital e bem comum. A expressão provoca

estranhamento, como se capital/lucro e ativismo/cidadania fossem água e óleo.

A dicotomia ainda existe, mas não por muito tempo. A Energy Tomorrow, associação de empresas dos setores de energia e petróleo, criou a campanha “Do you own an oil company?”, em que destaca o fato de que milhões de famílias são os verdadeiros donos, por meio de seus fundos de pensão, das empresas petrolíferas. Para os ativistas, indica que há maneiras mais efetivas de atuar do que panfletar pelas ruas.

Os Novos Capitalistas pretende ter abrangência global, mas acaba restrito ao mercado americano, onde o cidadão comum tem a prática de investir parte da poupança em ações graças a uma história de confiança nas instituições e nas empresas, amadurecida à base de cracks, bolhas e falências. No Brasil, a cultura acionária e a diluição da propriedade das empresas ainda estão em formação, mas são inexoráveis. **P22**

* diretor de produtos da Thymus Branding

Stephen Davis, Jon Lukomnik, David Pitt-Watson. *Os Novos Capitalistas – A influência dos investidores-cidadãos nas decisões das empresas.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.



A capital dos problemas será também a da solução, afirma Eduardo Jorge Martins Alves Sobrinho, titular da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA), de São Paulo, médico sanitário, filiado ao Partido Verde. “Cidade-líder para o bem e para o mal”, a metrópole, em suas palavras, é a mais bem preparada no Brasil para inovar as formas de organização, produção e consumo da sociedade no combate ao aquecimento global. Formulado pela secretaria em conjunto com a ONG Iclei – Governos Locais pela Sustentabilidade e o Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas, o projeto de lei que instrui a Política de Mudança do Clima foi discutido durante um ano com o público por meio de consultas e audiências, e em mais seis meses na prefeitura. Acaba de chegar à Câmara dos Vereadores e propõe alterações significativas nas áreas de transporte, energia, construção, gestão de resíduos, compras públicas, entre outras. “Agora é que o jogo começa”, diz.

Quais as chances de o projeto de lei da Política de Mudança do Clima ter boa receptividade na Câmara em um período pré-eleitoral? O quanto esse cenário pode atrapalhar? Ele só ajuda. A Câmara deve ter a sensibilidade de que vai atrair as atenções ao discutir um projeto dessa importância, com essa discussão tão grande para a melhoria das condições de vida na cidade e o combate ao aquecimento global. Isso traz justa visibilidade para a Câmara e a coloca no coração da decisão. Por outro lado, muitos vereadores já têm idéias e propostas em andamento em relação ao aquecimento global, voltadas para o transporte, a arborização, entre outras. Nosso projeto do Executivo pode confluir com esse conjunto de idéias dos vereadores, e gerar um substitutivo mais amplo. Desde que o prefeito mandou o projeto, não paro de receber sugestões.

Esse ganho de visibilidade deve acontecer perante quem? A opinião pública, os estados, o governo federal. Os Paramentos e os executivos federais, estaduais e municipais estão devendo muito em relação a essa questão do clima no Brasil. Por isso, a iniciativa de São Paulo deve ter uma repercussão nacional.

A política traça estratégias de mitigação e adaptação em diversas áreas – transporte, energia, uso do solo, construção, gerenciamento de resíduos. Por que a discussão veiculada na grande imprensa em São Paulo restringiu-se à questão do pedágio urbano? Porque jornal é assim. Com o tempo, o conjunto do projeto começa aos poucos a ser analisado. O editorial do *Estadão* alguns dias depois já foi mais bem preparado, estudado, com outra conotação. Há um primeiro momento em que uma questão muito

Epicentro da mudança

São Paulo inova ao propor uma política para combate à mudança climática e deve liderar pequenas e médias cidades em direção divergente da posição federal, acredita secretário

POR **Amália Safatle**

polêmica como essa ocupa todo o espaço dos jornais, depois o conjunto da proposta começa a ser digerido. A questão do pedágio é um inciso no meio de centenas de incisos e artigos. A posição da SVMA, e a minha, pessoal, é que o pedágio é necessário, pela questão do trânsito e pelo uso racional da energia para combate ao aquecimento global. Mas a posição do prefeito (*Gilberto Kassab*) é contrária, e quem comanda o governo é o prefeito. Ele já tinha pedido a sua assessoria que esse item não constasse. O que houve aí foi uma falha da assessoria jurídica, que encaminhou o projeto, e teve de corrigir no dia seguinte (*retirou o inciso*). Infelizmente houve esse acidente de percurso. Mas a grandeza e o ineditismo do projeto é o que vai ficar depois disso.

O que o senhor destacaria no projeto? Primeiro, a questão das metas. O governo federal insiste na tese de não assumir metas para redução de emissões sob pretextos falsamente nacionalistas, o que só serve de alibi para a ditadura da China e o governo de Bush, que não querem adotá-las. A posição da cidade de São Paulo diverge da do governo nacional e diz: “Nós vamos assumir metas, sim”. São de 30% de redução de emissões até 2012 (*em relação a 2005*). É uma posição política, com repercussão nacional, e acho que até internacional.

Houve algum comentário por parte do governo nacional quanto ao anúncio dessa meta? Ainda não. Mas haverá. E afirmo que dá para cumprir essa meta. Tanto que em 2008 já reduzimos as emissões em São Paulo em 20% (*com o uso energético do metano gerado nos aterros*). Agora, tem uma proposta no projeto que considero das mais importantes e de repercussão mais imediata: substituir, a cada dez anos, a partir deste ano, 10% do petróleo usado na frota municipal de transporte público, até completar a substituição completa, por fontes como o etanol ou a elétrica. Ao fazer isso, influenciaremos a produção de ônibus no Brasil inteiro, pois, como nossa frota é a maior, revendida depois para outros municípios, vamos mudar a produção em São Paulo e fora de São Paulo. E, na questão da eficiência energética, haverá estímulos para que a construção civil, nas obras públicas e privadas, comece a incorporar critérios de sustentabilidade, com abatimento do que se paga à prefeitura em impostos se for usada energia solar, se for feita reciclagem do lixo. Mas não há só estímulos, como também obrigações, e aí uma coisa completamente nova no Brasil será exigir um licenciamento das emissões de gás de efeito estufa, que se faça um inventário do empreendimento e compense o que for gerado. Também estamos exigindo que a área permeável da obra seja igual à área impermeabilizada. Hoje a lei exige apenas 15%. E quem não conseguir terá de compensar em outra área da cidade.

E a prefeitura vai conseguir fiscalizar? Claro que sim. O licenciamento em São Paulo é muito rigoroso, pergunte aos construtores e à própria prefeitura. Outra exigência para o licenciamento da obra será o equacionamento completo do lixo gerado no local. Não se trata de aderir ou não à coleta seletiva, será condição para que haja licenciamento. Ainda na área de construção, destaque no projeto o conceito da cidade compacta: trazer a população de volta para o Centro e o Centro Expandido, onde, embora haja boa infra-estrutura instalada, a população diminui de 2% ou 3% ao ano. E, com isso, parar de crescer em Parelheiros, na Cantareira, na Zona Leste.

Como fazer isso? Pois essa é uma idéia que existe faz tempo, mas não entra em prática. É preciso replanejar e investir em habitações populares e de classe média no Centro, para reocupá-lo, e ao mesmo tempo apertar o licenciamento para loteamentos mais distantes e impedir a invasão, o que já estamos fazendo. Destaco também, no projeto, a adoção das compras sustentáveis na licitação da prefeitura. Mas ainda há uma resistência jurídica grande, conservadora, contra dar prioridade aos critérios da sustentabilidade nas compras. Outro destaque: São Paulo é a primeira cidade a adotar a inspeção veicular, mas estamos incluindo no projeto também as motos, que são as maiores poluidoras. E o projeto fala explicitamente da obrigação da Petrobras de entregar um diesel mais limpo imediatamente, para evitar esses acordos que têm sido feitos para adiar a entrega. Não vamos aceitar que Petrobras, Anfavea e Agência Nacional do Petróleo empurrem isso com a barriga para ganhar mais dinheiro às custas da saúde do povo. Outro ponto inovador da política é criar pagamentos por serviços ambientais, que são estímulos financeiros para que o proprietário possa criar reservas particulares do patrimônio natural (RPPN) e defender a preservação da água e do verde.

O mecanismo de pagamento seria por meio de isenção fiscal? Isenções fiscais e estímulos, como prioridade de tramitação para projetos de licenciamento apresentados por quem criou RPPN ou tem serviços ambientais a oferecer à cidade.

Como um todo, esse é um projeto que vai exigir mudanças de comportamento da população e a quebra de certos paradigmas, não? Mas tem uma coisa preliminar nisso: não é que o prefeito tenha mandado esse projeto sem ter feito nada nos anos em que governou. Claro que a lei as consolida e as torna perenes para outros governos e para o conjunto da sociedade. Mas, desde 2005, a cidade de São Paulo pratica várias dessas idéias. Por exemplo: São Paulo é uma das

Ao reduzir em 10% o uso do petróleo no transporte público, influenciaremos a produção de ônibus no Brasil inteiro

três únicas instâncias de governo no Brasil que têm um inventário de acordo com o padrão do IPCC (*Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática*), e, antes de pôr qualquer ação em prática, é fundamental que se tenha um bom diagnóstico. Os outros dois inventários são do governo federal, de 1994, totalmente desatualizado e, portanto, sem valor, e o do Rio de Janeiro, de

1998. Com esse inventário, concluído em 2005, o governo começou a divulgar na cidade, também como forma de educação ambiental, o quanto produzimos em emissões – 15 milhões e 700 mil toneladas de carbono equivalente – e como produzimos – cerca de 25% pelo lixo e 75% por uso de energia, dos quais 90% oriundos do petróleo e companhia limitada. Isso, portanto, indica de que forma o município deve agir, coisa que os outros municípios e empresas também têm de ter. E já começamos a agir. São Paulo tem dois aterros sanitários, Perus e São Mateus, que produzem muito metano, porque produzimos muito lixo: 15 mil toneladas por dia. Então, a prefeitura instalou duas usinas de captação de metano, que transformam o gás em energia elétrica, que é jogada na rede e corresponde ao consumo de uma cidade de 600 mil habitantes. Com isso, São Paulo, em 2008, neutralizou 20% do gás de efeito estufa produzido – não digo 25%, porque tem outros aterros antigos que a gente vai ter de equacionar. Mas qual país sério pode dizer que em 2008 neutralizou 20% do gás? Nenhum. E ainda lideramos a campanha pelo diesel mais limpo e mais eficiente. Esse movimento cresceu, mas foi a SVMA que começou a campanha contra o enxofre, em 2005. A prefeitura está investindo em metrô, ciclovias, na recuperação das calçadas e na recuperação da rede de trólebus, que estava sendo sucateada. O trólebus, do ponto de vista do combate à poluição e à emissão de gases, é o campeão. Entretanto, em São Paulo, no governo anterior, e também em Santos, Recife, Araraquara, Ribeirão Preto, liquidaram-se frotas maravilhosas de trólebus por causa do lobby do ônibus a diesel. Outro exemplo: São Paulo foi a primeira cidade do Brasil a aprovar uma lei para obrigar prédios públicos e privados novos a usar 40% da água aquecida por meio da energia solar. Portanto, o prefeito tem um capital acumulado de trabalho que lhe dá autoridade para mandar um projeto como este para a Câmara e dialogar com os vereadores e a sociedade.

Com isso, o senhor acredita que não haverá muita resistência às mudanças propostas? Não é questão de resistência, de ser contra ou a favor. Tanto o capitalismo como o socialismo nos séculos XIX e XX geraram essa crise socioambiental de hoje, da qual o aquecimento global é a crise-síntese. Mas não adianta ficar procurando culpados, porque essa era uma forma de viver, de produzir, de consumir, em que o meio am-

São Paulo, em 2008, neutralizou 20% do gás de efeito estufa produzido. Qual país sério pode dizer que fez o mesmo? Nenhum

biente não era levado em conta. O século XXI colhe essa crise e terá de superá-la. Mudar a forma de viver, de produzir, de conviver, não é fácil. É uma questão cultural, e não de resistência porque a pessoa não quer ajudar a humanidade. Mas porque toda a estrutura da sociedade foi montada desse jeito. Então tem de reorientar desde como a Dona Maria, operária, de Guaianazes, pode reduzir a produção de lixo na sua casa e orientar seus filhos até como o Dr. Antonio Ermírio de Moraes vai reorganizar a forma de produção de suas empresas. E, como estamos em uma democracia, tem de haver muita conversa e convencimento para as pessoas evoluírem na direção de uma mudança cultural desse porte. As resistências e as críticas são normais, mas vamos superar isso divulgando dados, com diálogo e com exemplo.

O cidadão em São Paulo, de forma geral, está preparado para acompanhar esse avanço ou terá de passar por uma mudança profunda de comportamento? São Paulo é a cidade-líder para o bem e para o mal. Tem essa vocação de liderança, de mudança, de vanguarda. Por isso é a mais preparada no País para dar esse passo e ajudar as médias e pequenas cidades a vir nessa direção. É sua responsabilidade com o Brasil e o mundo. Devido a esse trabalho de 2005 para cá, São Paulo já foi acolhida pela executiva mundial doICLEI, que é a mais importante associação de cidades interessadas no meio ambiente, e é a única da América do Sul que integra a executiva do C40, o conjunto de cidades lideradas por Londres e Nova York para enfrentar a questão climática.

Podemos dizer que o desafio climático é a grande oportunidade para fortalecer a temática ambiental e colocá-la de forma transversal em todas as questões urbanas, tirando o meio ambiente de um “gueto”? Isso é uma questão de inteligência administrativa. Como a política pública ambiental é muito jovem, e suas estruturas de Estado são muito pequenas no Brasil – uma ministra fabulosa como a Marina era uma ministra de 0,4% do orçamento federal –, faz parte da tática política administrativa ambiental trabalhar de forma setorial. Aqui, na SVMA, o orçamento cresceu três vezes, mas a tática, mais que isso, é trabalhar de forma intersetorial, com as secretarias de Educação, Transporte, Saúde, de Obras. Plantar a bandeira do Meio Ambiente em programas e projetos de outras secretarias que têm estrutura e orçamento mais poderosos que o nosso. Mas é evidente que a questão do clima favorece a receptividade da nossa pregação intersetorial, pois é a crise socioambiental mais grave, só equiparada à da desigualdade extrema entre ricos e pobres e à da cultura da violência. Assim, discutir clima é a porta de entrada para facilitar o diálogo intersetorial não só dentro do governo, mas com toda a sociedade. Porque eu dependo do prefeito e do vereador, mas lembre-se: dependo também da Dona Maria, de Guaianazes, e do Dr. Antonio Ermírio.

O senhor acredita que São Paulo algum dia poderá se tornar uma cidade sustentável? É a que tem mais chances no Brasil. Como é o epicentro do problema, será o epicentro da solução. É o caso de Nova York, que é uma das cidades mais ecológicas dos EUA, porque é compacta, com transporte coletivo em quantidade e com qualidade – mais do que Los Angeles, que aparentemente é mais verde, arborizada, com jardins, mas é uma farra de uso de combustível. E a energia é o núcleo da questão climática.

Muito além do *marketing*

As eleições municipais testam a profundidade e a coerência da postura ética que as empresas adotam perante a sociedade por meio de suas políticas de responsabilidade socioambiental

Em todo o País, uma multidão já está nas ruas, ruelas, becos, praças, veredas, trilhas, rios, montanhas, praias. De avião, caminhão, ônibus, carro, trem, barco, canoa, a pé, são incansáveis. Estarão no rádio, na TV, a maioria durante ínfimos segundos. Alimentam-se mal, dormem pouco, falam sem parar, prometem, negociam, aliam-se, traem, são traídos. Uma vida de cão.

São cerca de 15 mil candidatos a prefeito, outros tantos a vice-prefeito e mais de 350 mil a vereador, em 5.564 municípios. Trezentos mil homens e 80 mil mulheres. Cerca de 45% formam um grupo em que estão os analfabetos, os que apenas lêem ou escrevem, os que têm o Ensino Fundamental incompleto, quem chegou até o final do Ensino Fundamental ou não terminou o Ensino Médio. É o Brasil real em marcha.

Para onde? A pergunta até provoca calafrios. O que os move nessa maratona que tanto pode ser vista como a maior expres-



são da democracia quanto como um retrato da corrida desenfreada da ambição pessoal rumo aos poderes pequenos e grandes que a carreira política oferece?

As eleições municipais – excetuando-se as metrópoles que funcionam como pata-mar para vãos individuais mais alentados ou prévia de acordos para pleitos presidenciais e estaduais – costumam ser vistas pelo senso comum como evento desimportante para o *mainstream* da vida nacional.

O fato é que esse exército de peões da política são o Estado na vida real dos cidadãos. Na maior parte do território nacional, o único elo com a noção de autoridade pública, de serviço ou desserviço público na sua forma mais concreta. E a única tradução de prática política.

O debate local das eleições pode, contudo, desenrolar um fio cuja ponta vai dar nos temas estratégicos socioambientais da atualidade brasileira e mundial. Um deles é o

do papel do setor privado, não só em promover mudanças no processo produtivo para chegar a padrões mais sustentáveis de uso dos recursos naturais, como em colaborar para transformar a responsabilidade social e ambiental, que hoje coroa a imagem de tantos empreendimentos, em algo mais do que *marketing* ou promoção de melhorias materiais e provimento de serviços nos locais onde se instalam.

Estudo de impacto político

Responsabilidade social e ambiental é, antes de tudo, uma postura ética diante da sociedade. E aí entram as eleições para testar a profundidade e a coerência dessa escolha. Em inúmeros pequenos municípios, grandes empreendimentos, de significativo impacto social e ambiental, têm investimentos muitas vezes maiores do que o orçamento público e passam a exercer um poder que tende a se espalhar por todos

os setores da vida econômica e social. E, infelizmente, também da vida política.

Talvez fosse cabível pensar, ao lado do EIA/RIMA, na necessidade de um hipotético EIP – Estudo de Impacto Político –, tal o estrago que muitas empresas fazem em pequenos municípios para atingir o objetivo de manter sob controle as lideranças locais, de modo a tirar do caminho possíveis entraves administrativos ou sociais.

A chegada do período eleitoral, em lugares extremamente carentes, faz das empresas a meca dos financiamentos explícitos ou ocultos. Chega-se ao ponto de candidatos divulgarem que são os preferidos da “empresa tal”. Nesse caldo de cultura, a fronteira entre o apoio a candidatos e corrupção é praticamente inexistente, mesmo na ausência de um fato gerador legalmente identificável como crime.

O crime é social, é interferir em processos frágeis e, a peso de dinheiro, desviar

os ocupantes de cargos públicos de seu papel de representantes dos interesses da comunidade, para, a rigor, transformá-los em títeres na esfera da política, desvitalizando-os da independência que deveria ser o centro de sua legitimidade pública.

O que, então, seria coerente com a cartilha de responsabilidade social das empresas? Em primeiro lugar, não interferir no resultado de eleições em benefício próprio e negociar seus interesses no município de maneira clara e nos foros adequados. Em segundo lugar, deixar patente para os candidatos sua neutralidade no pleito. Em terceiro lugar, usar de seu poderio para apoiar iniciativas comunitárias que levem à criação de uma cultura política efetivamente democrática, de parâmetros não-clientelistas e não-patrimonialistas de relacionamento empresa-sociedade e empresa-poder municipal.

Além disso, nos períodos não-eleitorais, há um enorme trabalho a fazer por meio de ações que contribuam para levar à população informação e educação política, transformando cidadãos em eleitores conscientes, participativos e autônomos, avessos a qualquer forma de corrupção.

Sem política sustentável não haverá desenvolvimento sustentável. Ingenuidade? Não creio. Ingenuidade é acreditar que se é dotado de responsabilidade socioambiental e agir para carregar no bolso o que uma comunidade tem de mais precioso: a dignidade de seu espaço público.

P22

* *Jornalista e socióloga*



FOTOS: BRUNO BERNARDI

Passagem de estar

O corredor subterrâneo da Rua da Consolação, em São Paulo, já não é mais apenas uma via de passagem. É espaço de convivência. Ali, artistas plásticos e fotógrafos expõem suas criações e músicos fazem *pocket shows*, enquanto os passantes podem comprar e trocar livros no sebo da Associação Via Libris. Fundada em 2005 por livreiros banidos das redondezas devido às restrições ao comércio de rua, a Via Libris idealizou e fundou a Passagem Literária Consolação, com apoio da Subprefeitura Municipal da Sé. “Era um lugar abandonado, tinha tráfico de droga. E hoje os engravatados da Paulista vêm aqui para descansar, ouvir um jazz, um chorinho...”, diz Odete Machado, presidente da associação. Ela lembra que o projeto também se presta à educação no trato com o espaço público: “No começo a gente varria de um em um minuto, porque as pessoas jogavam lixo no chão. Aí aos poucos a gente foi educando as pessoas”. Serviço: Passagem da Rua da Consolação – Acesso à Avenida Paulista – tel.: (11) 3120-0305. **P22**

Para aperfeiçoar a gestão em sustentabilidade da sua empresa, a APEL desenvolveu um sistema que responde com precisão às necessidades e diretrizes estratégicas: o **Sférico - Sistema de Gerenciamento da Sustentabilidade**. Através de um painel de controle de simples visualização são apresentados os ratings de análises quantitativas e qualitativas acerca da sustentabilidade na gestão da empresa. Diferentes recortes de análises facilitam a identificação dos caminhos a serem percorridos para que o modelo de maturidade em sustentabilidade seja alcançado. O Sférico permite também associar os conceitos e práticas consideradas referências às ações do dia-a-dia para todas as áreas e processos da empresa, orientando e mensurando de forma objetiva as melhorias necessárias e possíveis no modelo de gestão, além de favorecer um entendimento claro da situação atual e de simular resultados futuros com base nos impactos positivos que trarão ao desenvolvimento sustentável. Além disso, disponibiliza um ambiente no qual sua empresa instrumentaliza o seu processo de escolhas estratégicas, garantindo a alocação de recursos no que é relevante e material para o negócio, para a sociedade e para o meio ambiente.



Para mais informações, acesse: www.apelconsult.com.br/sferico

Eficiência, avanço social, resultados econômicos e preservação do meio ambiente são coisas da mesma natureza.

Só pode haver prosperidade se o crescimento financeiro estiver fundamentado na ética e na responsabilidade social. Na Natura, esse pensamento está conectado aos fatos. A sua eficiência está ligada ao avanço social.

Os seus resultados econômicos estão ligados à preservação do meio ambiente.

O Projeto Carbono Neutro é mais um exemplo dessa atuação. Um conjunto de ações e parcerias ambientais adotado para neutralizar as emissões de carbono desde a produção das matérias-primas até o descarte dos produtos.

Uma série de melhorias nos processos internos reduziu as emissões em 7% já no ano de implantação, em 2007. A associação com outros projetos, como agroflorestas e o reflorestamento, compensa 122% das emissões restantes, gerando um saldo positivo. Estimular e apoiar novas parcerias, preservar as relações, aprender com elas. É daí que a Natura começa a sua busca permanente pela qualidade, aperfeiçoamento e idéias transformadoras.

Fábrica em Cajamar - SP.
Projeto arquitetônico inovador
concebido a partir da visão
de sustentabilidade Natura.